

Correio das Artes

Suplemento literário do Jornal A União

Março - 2019
Ano LXX - Nº 1
R\$ 6,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00



75 ANOS

Fazendo história no jornalismo cultural brasileiro



GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo



2010

50 estudantes - Canadá
3 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



A UNIÃO
Comunidade e educação

125
Anos

70 anos

O Governo do Estado, por meio da Empresa Paraibana de Comunicação – EPC, comemora os 70 anos de fundação do *Correio das Artes*, suplemento de literatura e artes de **A União**. Hoje circulando no formato de revista, o *Correio* foi fundado em 27 de março de 1949, pelo poeta e jornalista pernambucano Edson Régis.

Ao longo desse período, superando todos os obstáculos que lhe foram impostos, incluindo ameaças de fechamento, O *Correio* consolidou-se como um dos mais importantes veículos, no gênero, de divulgação e análise crítica da produção artística - em especial a literária - da Paraíba e do Brasil.

É o mais antigo suplemento de artes e literatura do Brasil, e um dos mais vetustos da América Latina. Os novos talentos encontram nele a vitrine que necessitam, para serem olhados, ou analisados, de



Veja os depoimentos em vídeo do Secretário da Cultura do Estado da Paraíba, Damião Ramos, e do CEO da Startup C-Book, Normando Vitorino, sobre a importância do Correio das Artes para o fortalecimento da cultura paraibana ao longo dos seus 70 anos de publicações ininterruptas. Para ter acesso a este conteúdo exclusivo, baixe em seu smartphone um leitor de QRCode.

modo mais consequente, embora não necessariamente benevolente, por um público especializado.

Os valores já consagrados, por sua vez, também são acolhidos, pelo *Correio*, com a deferência de que

são merecedores. Integram a grande família de colunistas, colaboradores(as) e leitores(as) do *Correio*, profissionais das artes, da literatura, do magistério, do jornalismo, do direito etc.

Não poucos escritores, por exemplo, iniciaram suas brilhantes trajetórias nas páginas do *Correio*. O mesmo vale para vários profissionais das artes visuais, que conseguiram dar publicidade extraordinária aos seus trabalhos, no alvorecer de suas carreiras, ilustrando capas e ou textos do suplemento.

O *Correio* tem esse poder mágico de estar sempre renovando-se gráfica e editorialmente. Não é diferente agora. A perspectiva é que o suplemento se lance, também, às plataformas digitais, cumprindo sua missão com maior eficácia, por aprender a falar, sempre, na linguagem de todas as gerações.

O Editor

índice



REPORTAGEM

Governo do Estado da Paraíba celebra os 70 anos de fundação do *Correio das Artes*, suplemento de literatura e artes do jornal **A União**.



ARTIGO

O jornalista Linaldo Guedes faz uma breve, porém esclarecedora retrospectiva sobre a presença feminina na literatura paraibana.



CRÍTICA

"A Poesia Marginal não existe como um movimento nem como um grupo de poetas". A provocação é do professor Amador Ribeiro Neto.



CINEMA

O crítico João Batista de Brito comenta a interatividade no cinema, usando como exemplo o filme *Bandersnatch* (David Slade, 2018).



OUIDORIA:
3218-6500

Albige Léa Araújo Fernandes
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA



Phelipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo
DIRETORA DE RÁDIO E TV

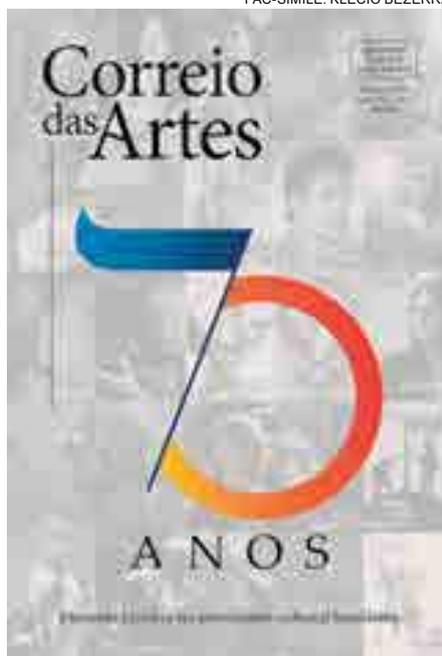
Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

William Costa

EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO



Correio das Artes:

70 ANOS INTEGRANDO AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DA PARAÍBA E DO BRASIL

Alexandre Nunes
Especial para o Correio das Artes

O Correio das Artes é uma lufada de ar perfumada pelos tempos de outrora, que não adquiriu o odor bolorento dos arquivos mortos, mas que pulula no frescor da renovação das eras, das novas realidades do gênio criativo que ainda brota na alma dos poetas, pintores, cronistas, contistas, escultores, cineastas, enfim,

Hildeberto Barbosa Filho: leitor, colunista e estudioso do Correio das Artes

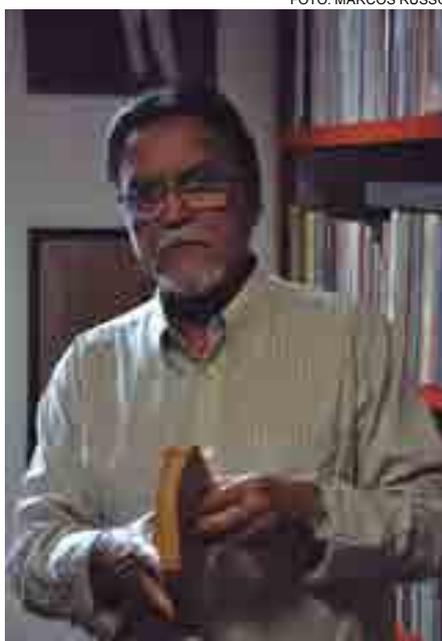


FOTO: MARCOS RUSSO

de todos aqueles seres inquietos que não se conformam em apenas se deixar levar pela vida, mas em perceber a vida, registrá-la e reconstruí-la em forma de arte.

O *Correio das Artes* chega aos 70 anos como um velho-moço, cheio de vigor e altivo pelo dever cumprido, no decorrer dos anos, como espaço de integração das manifestações artísticas e culturais da Paraíba e do Brasil, com ênfase para a literatura.

O *Correio das Artes* começa sua história no dia 27 de março de 1949, sob a orientação do jornalista Edson Régis e, agora, chega aos 70 anos, sempre seguindo os passos dos processos de modernização e constante transformação do jornalismo, como explica o seu atual editor, o jornalista e escritor William Costa.

“O suplemento, certamente, vai se adequar aos novos tempos, que têm na convergência de mídias uma de suas marcas registradas. O conteúdo do *Correio das Artes* deve ter outras formas e multiplicar-se em outras mídias, desligando-se, em parte, do suporte de papel, criando assim novas dialéticas - intermediadas, também, pelos meios digitais - entre aqueles que o produzem e o escrevem e aqueles que o leem. É um palpite”, complementa William.

Com as seguidas evoluções e mudanças nos projetos gráficos, o *Correio das Artes* atualmente tem o formato de revista, mas mantém a sua condição histórica de suplemento cultural de **A União**, conforme analisa William. Enfim, o *Correio das Artes* é o ancião mais lúcido da Paraíba, porque, em sua maturidade, está sempre em forma ascensional, como afirma um dos seus ex-editores, o poeta e cronista Saulo Mendonça.

Na opinião do professor, poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, o *Correio das Artes* precisa, sim, ser lembrado e reinventado sempre na dinâmica das práticas artísticas e literárias, sobremaneira porque suas páginas funcionam como uma porta de entrada para os novos autores, lugar de revelação, ambiente que consolida vocações e fertiliza o debate crítico.

► Hildeberto epigrafou um pequeno livro que publicou no ano 2000, intitulado *Correio das Artes: anotações para sua história*, com uma frase de Jomard Muniz de Britto reveladora dessa condição do suplemento, que é estar sempre sendo reinventado, como um dos mais importantes espaços de resistência cultural da Paraíba e do Brasil. Na frase, Jomard Muniz de Britto diz o seguinte: “Se possível: durmo e sonho com a reinvenção permanente do *Correio das Artes*”. Cultura nem sempre é prioridade e fazer cultura é atividade que precisa ser carregada na pauta dos sonhos, dos devaneios e da fantasia criadora, como lembra Hildeberto.

Para o atual editor geral do jornal **A União**, o jornalista e escritor Phelipe Caldas, a contribuição cultural que o jornal **A União** vem dando, ao longo da sua história, é um dos seus maiores legados. “O jornal fundado no dia 2 de fevereiro de 1893, o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil, sempre se notabilizou ao longo dos 126 anos de existência nessa perspectiva, de discutir a arte e cultura e divulgar a produção cultural, e isso é um dos maiores legados que o jornal **A União** oferece aos seus leitores”, reitera.

Phelipe ressalta que **A União** hoje em dia é um dos poucos jornais do país, talvez o único, que destinam tanto espaço para a arte, e o *Correio das Artes*, que agora completa 70 anos, tem um papel fundamental nisso, já que é um espaço democrático aberto para as mais diferentes manifestações artísticas e culturais. “Como leitor, eu acompanho o *Correio das Artes* há muitos anos. Tem muitos nomes importantes na minha formação que são ou foram colaboradores do *Correio das Artes*, a exemplo do professor Hildeberto Barbosa Filho que foi meu orientador no Curso de Comunicação Social (da Universidade Federal da Paraíba - UFPB). Então, como leitor, o suplemento faz parte da minha vida há muitos anos e, agora que assumi a editoria do jornal, passarei a contribuir profissionalmente”, destaca.

Caldas acrescenta que está



De cima para baixo, no sentido horário, Naná Garcez (diretora presidente da EPC), William Costa (editor do *Correio das Artes*), Albiege Fernandes (diretora de mídia impressa da EPC) e Phelipe Caldas (editor geral de **A União**).

muito honrado com a oportunidade de poder contribuir diretamente na elaboração do suplemento, por saber dos muitos nomes importantes do jornalismo e da literatura que passaram e passam por ele. “É um encontro do leitor que cresceu aprendendo a ler o suplemento, com o profissional que, de repente, passa a participar ativamente da história do *Correio das Artes*”, conclui.

A diretora de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação, jornalista Albiege Fernandes, confessa que seus primeiros contatos com o *Correio das Artes* foi de ouvir falar, ainda na universidade. “Quando cheguei na **A União**, em 2011, pude então me apaixonar pela revista. Um conteúdo, um ‘cast’ de literatos, um refinamento na qualidade gráfica, tudo no suplemento me encantou. Virei então, como diretora da gráfica, a responsável pelo acompanhamento de todo o processo de produção, a partir da finalização por parte dos editores. Ver aquele material impresso é de um prazer que não se mede. Que possamos ter esse produto tão especial

pelo maior tempo possível. Uma publicação desse nível é uma riqueza de um estado. E a Paraíba tem”, enfatiza.

Investir na qualidade e manutenção do *Correio das Artes* e contribuir para que ele permaneça por mais 70 anos. É assim que se posiciona a diretora presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), jornalista Naná Garcez, com relação ao futuro de um dos suplementos literários mais importantes do país.

Ela considera que o *Correio das Artes* é a confirmação da marca de **A União** como escola de jornalismo, enquanto veículo que valoriza a cultura paraibana e projeta essa mesma cultura para outras instâncias, em nível nacional, uma vez que o *Correio das Artes* já foi premiado nacionalmente. «Tenho o hábito de ler o

► *Correio das Artes*. Acho importante a diversidade de temas que ele aborda. Gosto muito de olhar os novos escritores e jovens poetas. Acho fantástica a criatividade das ilustrações. Elas enriquecem muito o conteúdo do próprio *Correio das Artes*”, opina Naná, na qualidade de leitora assídua.

Como gestora, Naná Garcez promete dar todo apoio para que o *Correio das Artes* tenha uma visibilidade maior do que já tem. “Embora o *Correio das Artes* seja um suplemento literário do jornal **A União**, ele hoje tem o formato de revista e também já está sendo vendido separadamente nas bancas de revistas. Por que isso? Porque ele mereceu ter essa autonomia. O assinante recebe o *Correio das Artes* em casa, mas se quiser vai na banca e compra. Começamos isso na edição de fevereiro e tivemos uma boa aceitação por parte do público”, constata.

Naná revela que, além da venda separada, está testando outras inovações em relação ao *Correio das Artes*, a exemplo da matéria de capa desta edição comemorativa dos 70 anos do suplemento literário, que traz o uso do QR Code, uma espécie de código de barras que, quando acessado pelo telefone celular, fornece mais informações e conteúdo exclusivo. “Com o uso do QR Code, a gente vai levar, para além das páginas impressas, mais informações sobre a principal matéria do *Correio das Artes*. Então, você vai ter coisas a mais e, enquanto leitor, vai poder navegar e conhecer conteúdos extras, principalmente em termos de imagem”, detalha.

27 DE MARÇO DE 1949: MARCO INAUGURAL DO CORREIO DAS ARTES

A história do *Correio das Artes* começa em março de 1949, mas a gestação do suplemento vem como o resultado de tentativas anteriores do jornal **A União** de criar movimentos artísticos e culturais, estimular vocações e lançar nomes, reunindo, em cada fase da sua história, as elites intelectuais da província, como registra Eduardo Martins, no livro

A União Jornal e História da Paraíba - sua Evolução Gráfica e Editorial, publicado em 1977, por **A União Companhia Editora**.

Um dos suplementos culturais precursores do *Correio das Artes*, em **A União**, foi uma página dominical intitulada Suplemento de Arte e Literatura, sob a dupla responsabilidade de Antenor Navarro e Mário Pedrosa, e que inseria textos de Carlos Dias Fernandes, Paulo de Magalhães, Augusto dos Anjos e Silvino Olavo, publicada em 1926. Nomes como A. J. Pereira da Silva, Coriolano de Medeiros, Eudes Barros e outros asseguraram a manutenção do suplemento, que sem nenhum aviso desapareceu.

A partir de 13 de fevereiro de 1944, a edição dos domingos passou a ser acompanhada de um suplemento literário, uma espécie de segundo caderno com quatro páginas. Segundo registro de Eduardo Martins, com o suplemento apareceram nomes depois em evidência nas letras nacionais e regionais, como Matias Freire, José Leal, Alzir Pimentel, Mário Mendes Campos, Izidro Álvarez

Alonso, Mardoqueu Nacre, Antônio Brayner, Ofélia Lucena Osias, Iracema Feijó da Silveira, Graziela de Luca Jenner, Filgueiras Júnior, Mário Dalva (pseudônimo de Matias Freire), Silvino Lopes, Rubens Filgueiras Júnior, Félix Araújo, Carmelo dos Santos Coelho, Pedro Paulo de Almeida, Eduardo Martins, José Tinete, Severino Uchôa, Audemar Peregrino, Péricles Leal, Ascendino Leite, Miguel Falcão de Alves e outros.

A primeira fase editorial do *Correio das Artes* tem início quando o suplemento circula, pela primeira vez, no dia 27 de março de 1949, como semanário de circulação dominical, e tendo o jornalista e poeta pernambucano Edson Régis como seu primeiro editor, precisamente do nº 1 ao 28. Esse período, iniciado por Régis, como observa o crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, é uma fase em que a vida literária paraibana experimenta visíveis inquietações culturais, a partir, evidentemente, das já cristalizadas repercussões do Modernismo, de alguns ecos da chamada

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Jornalista e poeta pernambucano Edson Régis, fundador e primeiro editor do *Correio das Artes*. O suplemento foi lançado no dia 27 de março de 1949

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Eduardo Martins, editor do *Correio das Artes* e autor do livro *A União Jornal e História da Paraíba - sua Evolução Gráfica e Editorial*, publicado em 1977, por **A União Companhia Editora**



Primeira edição completa do *Correio das Artes*. Para ter acesso a este conteúdo exclusivo baixe em seu smartphone um leitor de QRCode.



Capa do Suplemento de Arte e Literatura do jornal **A União**. Baixe um leitor de QRCode em seu smartphone para ter acesso a este conteúdo exclusivo.



Pontes da Silva foi editor do Correio das Artes e diretor de Operações de A União

- ▶ Geração 45. Régis é sucedido pelo jornalista Eduardo Martins, mas volta ainda a editar o *Correio das Artes*, do nº 35 ao 43.

“O *Correio das Artes*, sem dúvida, veio preencher uma lacuna no âmbito do nosso jornalismo cultural. Como se pode compreender, a preocupação fundamental do suplemento era dar uma contribuição ao processo literário e artístico do país ao mesmo tempo em que abriria os seus espaços para as diversas expressões da arte e da literatura, valorizando sobretudo os autores locais, que fossem os novos, que fossem os consagrados”, reforça Hildeberto.

O primeiro editor, Edson Régis de Carvalho, secretário de **A União**, à época do surgimento do *Correio das Artes*, nasceu na vila de Cruangy, localizada no município de Timbaúba (PE), em 29 de abril de 1923, vindo a falecer, em Recife, em 25 de julho de 1966, precisamente aos 43 anos de idade, vítima de um atentado à bomba, no aeroporto dos Guararapes. O poeta pertenceu à geração de 45, ao lado de nomes como Mauro Mota, Laurênio Lima e Haroldo Bruno.

O segundo editor do *Correio das Artes*, o jornalista Eduardo Martins, edita o suplemento do nº 29 ao 34, depois entrega a responsabilidade de volta a Edson Régis e, em seguida, do nº 44 ao 58, reassume a editoria. Eduar-

do assume, pela terceira vez a editoria, e publica os números 75 e 76, após a saída do terceiro editor do *Correio das Artes*, Celso Novais, que por sua vez foi responsável pelas edições que vão do nº 59 ao 74.

Hildeberto explica que sem o empenho de Eduardo Martins, associado à lúcida consciência editorial de quem coordenava o *Correio das Artes*, as gerações vindouras não teriam, talvez, acesso ao discurso lírico de alguns poetas paraibanos, sobretudo daqueles que não chegaram a publicar seus livros. “Neste aspecto, o *Correio das Artes* passa a figurar, hoje, como fonte histórica indispensável à pesquisa cultural e literária a respeito da realidade paraibana”, sustenta.

O pernambucano de Goiana, Eduardo Martins, nascido em 1918, era pesquisador, historiador e poeta. Ele colaborava assiduamente em jornais e revistas

contribuição pelas suas pesquisas. Como jornalista, foi redator de **A União**; um dos fundadores e editores do *Correio das Artes*, durante o governo de Osvaldo Trigueiro. Faleceu em João Pessoa, em 1991.

O terceiro editor do *Correio das Artes* foi o escritor, poeta e advogado paraibano, Celso Novais, nascido na cidade de Santa Rita, em 7 de julho de 1927, e falecido em João Pessoa, em 16 de março de 1993. Ele publicou, no Rio de Janeiro, o livro de poemas *Painel do Silêncio* e ingressou na Academia Paraibana de Letras em 17 de outubro de 1977.

CARLOS ROMERO: MEMÓRIA VIVA DO CORREIO DAS ARTES

O quarto e último editor da primeira fase do *Correio das Artes* foi o advogado, escritor e professor universitário, Carlos Romero, considerado um dos seus mais ativos colaboradores e que organizou as edições que vão do nº 77 ao 88. Carlos Romero, que nasceu no dia 10 de junho de 1924, na cidade de Alagoa Nova, no Brejo paraibano, e faleceu no dia 6 de janeiro deste ano, em João Pessoa, era uma memória viva do *Correio das Artes*, já que integrou a equipe que fundou o suplemento de **A União**.

Em entrevista concedida em 2015, para a edição especial do *Correio das Artes* em sua homenagem, Carlos Romero revelou que a alma do suplemento literário foi o poeta Edson Régis, que era de Pernambuco e veio para a Paraíba, juntamente com Silvino Lopes, não se sabe se por causa da política naquele estado, que então era governado por Agamenon Magalhães. Romero acrescenta que, aqui na Paraíba, logo Edson Régis assume como secretário do jornal **A União** e se junta com Simeão Leal, muito prestigiado no meio jornalístico e literário, principalmente com o pessoal do Sul. “Simeão Leal e Edson Régis foram as vigas mestras do *Correio das Artes*”, assegurou.

Ainda na entrevista, Carlos Romero conta que, no primeiro número do *Correio das Artes*, foi ▶



Carlos Romero participou da fundação do Correio das Artes e também editou o suplemento

da Paraíba e de outros Estados. Em 1971, assumiu uma cadeira na Academia Paraibana de Letras (APL), por haver oferecido à Paraíba uma imensurável

▶ publicado, na última página do suplemento, um conto de sua autoria intitulado “Noturno”. Ele explicou que o conto foi o gênero que ele iniciou sua trajetória no universo literário. “Ainda escrevi vários contos, mas depois deixei de escrevê-los por causa do ciúme da minha primeira mulher, porque tudo que eu escrevia das personagens, ela pensava que era verdade”, confessou, na ocasião, para este repórter.

Na verdade, a história do *Correio das Artes* acaba se confundindo com a história de Carlos Romero, que chegou a editar o suplemento por algum tempo. “Sempre acompanhei toda história do *Correio das Artes* em **A União**. Quando não participava com crônicas, participava com registro de livros, já que eu tinha uma coluna sobre livros”, registrou.

Segundo lembrou naquela oportunidade Carlos Romero, o *Correio das Artes* surgiu num contexto jornalístico em que imperava os cadernos literários e quem liderava era o *Diário de Pernambuco*. Todo jornal, aos domingos, tinha a sua página literária. É quando surge o *Correio das Artes* como suplemento, encartado ao jornal, o fato repercutiu como uma inovação. Na época do lançamento do *Correio das Artes*, quem governava a Paraíba era Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, que prestigiou a iniciativa do jornal dirigido por Sílvio Porto. Romero fez questão de enfatizar, na entrevista, a presença do trabalho do pintor Hermano José já nos primeiros números do *Correio das Artes*, e também a colaboração do escritor José Lins do Rego.

A paixão de Carlos Romero pelo *Correio das Artes* era revelada pela coleção encadernada de exemplares antigos do suplemento, que cuidava como uma joia rara, e que seu filho, o arquiteto e também cronista, Germano Romero, conserva como uma relíquia. Seguindo a verve criativa do pai, Germano Romero emitiu algumas considerações a respeito da ligação de Carlos Romero com o suplemento de **A União**, quando escreveu a crônica exclusiva para

FOTO: MARCOS RUSSO



Hermano José foi um dos pioneiros na ilustração do Correio das Artes



Correio das Artes de 20 de agosto de 1950, com ilustração de Hermano José para um conto de Celso Novais

esta edição comemorativa, intitulada “Um correio de muitas artes”. Vejamos o texto:

“Foi-se para longe de nossas vistas o derradeiro membro da equipe de fundadores e ex-editor do ora septuagenário *Correio das Artes*. Um suplemento que tanto cativou sua afeição. Arte era com ele mesmo. Tanto é que ressaltava em demasia o fato do pintor e amigo Hermano José, entre outros artistas plásticos, haverem enriquecido suas edições com exclusivas ilustrações.

Quem gosta de arte é assim. Procura uma brechinha em tudo que faz, para evidenciá-la. Carlos Romero convidou o pintor Flávio Tavares para assinar capas de dois livros seus: *O Papa e a Mulher Nua*, cujo título deixou o desembargador Mário Moacir Porto inicialmente constrangido ao ser convidado para apresentá-lo no lançamento. Uma situação logo esclarecida, para o bem de todos. E Flávio Tavares soube retratar fielmente o momento em que estávamos passeando pela praça de Montmartre, em Paris, quando o cronista foi abordado por um pintor que exibia, à venda, duas telas. De um lado segurava a imagem do Papa João Paulo II e, na outra mão, a tela com uma mulher suavemente despida. Instante que inspirou uma das deliciosas crônicas de viagem de um dos mestres da literatura paraibana.

A outra capa, de *A Dança do Tempo*, livro épico que se consagrou como um dos melhores li-

vros de crônicas de nossa cidade, impecavelmente analisado em críticas irretocáveis e não menos épicas, assinadas pelos professores Hildeberto Barbosa Filho e José Mário da Silva, por quem o autor nutria reverente admiração. Até hoje, o professor José Mário faz de *A Dança do Tempo* objeto de seu trabalho com os alunos de mestrado na UFPB, em Campina Grande.

Pois bem, de pura arte que Flávio encheu a capa desta admirável seleção de crônicas, elogiada até por Carlos Drummond de Andrade, em atenciosa carta ao autor.

E o *Correio* foi de arte até hoje. Sobrevivendo à subsequente deterioração da escrita e do hábito de ler, lamentavelmente identificados em grande parte de uma juventude que adotou as abreviações e ‘emojis’ como forma de se expressar, trocando o conteúdo enriquecedor da literatura pela efêmera tibieza das redes sociais.

Felizmente continua, após décadas e nuances próprias das dificuldades em se manter um veículo de comunicação deste nível, com excelente padrão de qualidade, primando pela seleção de bons trabalhos, em variadas formas e estilos, tanto publicando obras de gente já consagrada nas letras, como ▶

▶ dando merecida e estimulante visibilidade a novos talentos.

E Carlos Romero não deixou de acompanhar essa notável trajetória, não somente com o olhar de escritor, mas com o afeto natural de ter participado de sua criação. Valorizava tanto a sua coleção pessoal de exemplares antigos que chegou a encaderná-los cuidadosamente. Se a sua tríplice realização como ser humano já havia se consolidado no plantio de uma árvore, na publicação de um livro e na honrada paternidade, o *Correio das Artes* e a Orquestra Sinfônica da Paraíba – de que também foi um dos fundadores – passaram a fazer parte desta sua profícua encarnação, com muito orgulho. Um orgulho sempre coroado de humildade, pois, como enfatizou o educador espírita Zélio Brito, na palestra proferida no culto que celebrou os 30 dias de seu deslance, ‘quanto mais Carlos Romero se engrandecia de títulos e obras, menor se mostrava entre confrades e amigos’. Humilde no viver, simples no escrever, refinado no conviver, o Cronista de Tambaú, sem querer, exemplificava o que Leonardo da Vinci disse com tanta sabedoria: ‘A simplicidade é o mais alto grau de sofisticação’.

E era como ‘sofisticado’ que Carlos Romero classificava a nova feição gráfica do *Correio das Artes*, que seguiu o padrão de requinte e bom gosto editorial do seu ‘jornal-mãe’ - a centenária **A União** -, em cujo ventre se abrigou o precioso e aguardado encarte, durante as sete décadas que o consagraram na história das letras paraibanas”.

PRIMEIRA FASE EDITORIAL CHEGA AO FIM

Em sua análise sobre a primeira fase editorial do *Correio das Artes*, que iniciou em 1949 e terminou em 1965, Hildeberto Barbosa Filho chega à conclusão básica de que o suplemento atingiu devidamente os objetivos a que se propunha, na medida em que criou um espaço definitivo para a criação artística e literária, tanto em âmbito provinciano como em âmbito nacional. “Pelo depoimento dos seus contemporâneos,



FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET

Jurandy Moura inaugura a segunda fase do Correio das Artes, em 1975

e também pela qualificação dos seus colaboradores, o *Correio das Artes* em nada deveu a seus pares de outras regiões, em termos de estética gráfico-visual como de conteúdo e forma. Enquanto suplemento literário fez história e integra, hoje, o acervo documental do jornalismo cultural brasileiro”, avalia.

Em depoimento para a esta edição especial sobre os 70 anos do suplemento literário de **A União**, Hildeberto diz que deve ao *Correio das Artes* a sua revelação no mundo das letras. “Sempre estive em suas páginas desde 1977, como colaborador e, durante certo tempo, como membro de seu Conselho Editorial. O exercício que se pode desenvolver nas publicações quinzenais ou mensais que o velho suplemento, hoje revista, possibilita, pelo menos para mim, parece cumprir o preceito de Mallarmé: tudo existe para virar livro! Grande parte dos meus veio deste procedimento, quer os de poemas, quer os de ensaios”, frisa.

Neste sentido, o escritor vê o *Correio das Artes* como um precioso espaço pedagógico, uma espécie de esfera epistêmica, onde o pensamento crítico, a reflexão e a criatividade se entrelaçam num estimulante diálogo que sempre se renova. Para Hildeberto, o *Correio das Artes* é um portal de entrada para o autor paraibano; uma vitrine que dá visibilidade aos novos e retira das cinzas do esquecimento os antigos; é uma escola de jornalismo cultural; um patrimônio histórico, artístico e simbólico;

é um bem durável que pertence à sociedade paraibana, e, talvez, esteja nele o legado mais rico da mentalidade criadora.

“Meu vínculo com o *Correio das Artes* é tão forte e tão visceral que, sem exagero, seria doloroso viver sem ele. Sinto-me parte de sua vida e de sua história. Sou quase da idade dele, pois se ele é de 1949, eu sou de 1954. E com ele convivo em lúcida e lúdica intimidade desde a metade dos anos 70 do século passado, quando ele, depois de longo período de interrupção, volta a circular sob a coordenação do saudoso e querido Jurandy Moura”, conclui.

O RETORNO PARA UMA NOVA ERA

Após 10 anos sem circular, o *Correio das Artes* volta em 21 de setembro de 1975, inaugurando a segunda fase do suplemento, desta feita sob a orientação de Jurandy Moura e Antônio Barreto Neto, além da supervisão de Agnaldo Almeida, que era na ocasião o editor geral do jornal **A União**. Além do editor e do supervisor, o expediente trazia uma equipe de arte da qual constavam os nomes de Land Seixas, Tônio, Gutemberg Pádua, Batista Chaves, Gilson Freire, Rosalvo e Zefinha Correia.

Segundo informa Hildeberto ▶

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Antônio Barreto Neto ajudou a elevar o nível do Correio das Artes, na segunda fase

► Barbosa Filho, na volta do receso, o *Correio das Artes* pode contar com um grupo de colaboradores permanentes, representado por Adalberto Barreto, Ademar Ribeiro, Anco Márcio, Arlindo Almeida, Carlos Romero, Eduardo Martins, Gemy Cândido, José Leite Guerra, José Octávio de Aruda Melo, José Rafael de Menezes, Luiz Augusto Crispim, Maria José Limeira, Roberto Peixoto de Mello, W, J. Solha, Wilton Velloso, Waldemar Duarte, Vanildo Brito e Violeta Formiga.

O ressurgimento do suplemento literário coincide com a instalação de **A União Companhia Editora**. Segundo registro de Eduardo Martins, o *Correio das Artes* voltou com a mesma linha de honestidade literária, com o mesmo critério na seleção da matéria e mantendo o mesmo cabeçalho, com o desenho de Santa Rosa. “O suplemento, que marcou época na vida cultural da Província, retornou com os mesmos propósitos e objetivos: veicular a expressão literária paraibana, estimulando a sua atividade”, reforça o escritor no livro *A União – Jornal e História da Paraíba*.

Aberto a todas as tendências, o *Correio das Artes* segue, nesta nova fase, contemplando todos os gêneros literários, desde a ficção, como conto, novela, fragmento de romance e crônicas, passando pela poesia, até chegar ao ensaísmo de caráter estético, cultural histórico e científico. Em suas páginas despontam alguns nomes que, cedo ou tarde, vão se firmar no contexto poético contemporâneo, entre eles: Águia Mendes, Lúcio Lins, Eulajose Dias de Araújo, Saulo Mendonça Marques, Octávio Sitônio Pinto e Violeta Formiga.

Jurandy Moura encerra a sua coordenação editorial no *Correio das Artes* com o número 121, de 20 de abril de 1980. Durante toda sua editoria, o suplemento manteve constante regularidade de circulação e conseguiu demonstrar a viabilidade. Sob sua condução, este caderno passou pelo seu período mais produtivo e influente na produção e divulgação da cultura paraibana e brasileira.

A editoria de Jurandy Moura

teve seu encerramento em 20 de abril de 1980, perfazendo um total de 121 suplementos editados e que posteriormente foi assumida pelo jornalista e crítico de cinema Antônio Barreto Neto, que editou dos números 122 ao número 126.

O jornalista, poeta e cineasta, Jurandy Moura, nasceu na cidade de Taperoá (PB), em 28 de março de 1940, e faleceu em 11 de novembro de 1980, tragicamente, em um acidente automobilístico na Avenida Liberdade, na cidade de Bayeux (PB). Jurandy Moura integrou a chamada Geração 59, movimento literário que visava agitar o marasmo da vida intelectual paraibana.

O *Correio das Artes*, do nº 122 ao 126, foi editado pelo jornalista e crítico de cinema, Antônio Barreto Neto (1938-2000). O jornalista Agnaldo Almeida, que foi editor geral do jornal **A União**, na época em que Antônio Barreto Neto editou o *Correio das Artes*, relata que, a partir de 1975, ao ser retomado, o *Correio das Artes*

FOTO: MARCOS RUSSO



FOTO: EVANDRO PEREIRA



Sérgio de Castro Pinto (à esquerda) e Gonzaga Rodrigues editaram o Correio das Artes. Com Sérgio, o suplemento foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), em 1981

criou uma nova força, com a editoria de Jurandy Moura e Antônio Barreto Neto.

Agnaldo comenta que depois houve uma sucessão de editores. Como Agnaldo editava **A União**, se preocupava mais, na época, com o jornal. Ele afirma que o *Correio das Artes* era um suplemento literário muito bem cuidado e sempre editado com muito zelo e que, por isso, ganhou prêmios de repercussão nacional. Agnaldo lembra que quando Petrônio Souto assumiu a direção de **A União** também deu um grande incentivo ao suplemento. Lembra ainda que Carlos Aranha também participou desse projeto.

“A minha ligação com o *Correio das Artes* era mais uma su- ►

▶ pervisão do suplemento do jornal que eu editava, para criar uma uniformidade editorial e preparar as chamadas no domingo, porque a circulação era aos domingos. Por exemplo, se o *Correio das Artes* trazia um texto sobre Augusto dos Anjos ou João Cabral de Melo Neto, eu fazia uma chamada na capa do jornal. Depois, Barreto instituiu até concurso de contos. Na verdade, o grande restaurador do *Correio das Artes* foi Antônio Barreto Neto”, acrescenta Barreto.

O poeta Sérgio de Castro Pinto assume a editoria do *Correio das Artes*, em sua nova fase, a partir do número 127, publicado em 10 de agosto de 1980, permanecendo como editor até o número 247, de março de 1986. Sérgio editou por seis anos ininterruptos e foi responsável pela ampliação da inserção de outras formas e expressões artísticas no suplemento, diversificando o teor das colaborações para além do terreno exclusivamente literário.

Já na edição nº 129, de 24 de agosto de 1980, ou seja, no segundo número, sob a sua editoria, o poeta já publica um ensaio fotográfico de Gustavo Moura, com apresentação de Pedro Osmar - “Que escuridão é essa?” - e, ao mesmo tempo, também, uma série de xilogravuras de Unhandeijara Lisboa - *Ingá* - cuja apresentação coube ao artista plástico Raul Córdula Filho.

Para Hildeberto Barbosa Filho, as outras formas de expressões artísticas sempre estiveram presentes no suplemento, porém é com Sérgio que elas se intensificam. Fotografia, música, dança, artes plásticas, cinema, manifestações folclóricas e cultura popular aparecem de maneira mais intensa nesta editoria.

“Editei o *Correio das Artes* de 1981 a 1986, período em que, segundo Hildeberto Barbosa Filho, o então suplemento - hoje é revista - se mostrou mais receptivo à colaboração do corpo docente das universidades brasileiras, certamente pelo fato de eu mesmo lecionar na Universidade Federal da Paraíba”, comenta Sérgio.

O poeta de *Domicílio em trânsito e outros poemas*, livro publica-

do em 1983, e de muitas outras obras literárias, e em pleno vigor criativo, lembra que, em 1981, foi outorgado ao suplemento *Correio das Artes* o prêmio de Melhor Divulgação Cultural, pela Associação Paulista de Críticos de Arte, láurea que ele, na condição de editor, recebeu no Teatro Municipal, de São Paulo, juntamente com outros premiados em diversas áreas culturais, a exemplo de Henfil, Fernanda Montenegro, Irene Ravache, Marina Lima, Moacyr Félix e muitos outros.

“Também nessa época, o *Correio das Artes* foi incluído no periódico *Modern Language Association of America*, responsável pelo registro das principais publicações culturais do mundo. Creio que o *Correio das Artes* é um patrimônio cultural da Paraíba, pois além de divulgar os nossos ficcionistas, poetas, artistas plásticos, críticos etc., estabelece um diálogo promissor com artistas de todos os quadrantes do país”, reconhece o premiado escritor Sérgio Martinho Aquino de Castro Pinto, ocupante da Cadeira 39, da Academia Paraibana de Letras.

NOVOS RUMOS EDITORIAIS

Após as editorias de Jurandy Moura, Antônio Barreto Neto e Sérgio de Castro Pinto, o *Correio das Artes* mantém o ritmo com uma sequência de editores da competência de um Gonzaga Rodrigues, Carlos Aranha, João Trindade, Aldo Lopes, Wellington Pereira, Marcos Tavares, Saulo Mendonça, Cláudio Limeira, Pontes da Silva, Linaldo Guedes, Antônio Mariano, Astier Basílio e William Costa (editor atual, depois de rápida passagem pela editoria do suplemento, em 2003) procuraram reinventar o suplemento, a partir de critérios novos.

Gonzaga Rodrigues - O *Correio das Artes*, o mais antigo suplemento literário em circulação no país, contou, em sua editoria, com a sensibilidade do cronista Gonzaga Rodrigues, um dos mais antigos e conceituados jornalistas da Paraíba. Gonzaga, hoje beirando os 86 anos, já

que nasceu em 21 de junho de 1933, na cidade de Alagoa Nova (PB), lembra que, confiante no futuro do jornal, Oswaldo Trigueiro acolheu com a discrição que o caracterizava, em 1949, a iniciativa de agregar ao jornal o suplemento *Correio das Artes*. O jornalista acrescenta que, naquela ocasião, colaboraram com a apresentação gráfica, o desenho do logotipo, ilustrações e desenhos ornamentais Tomás Santa Rosa e José Simeão Leal.

Gonzaga Rodrigues relata como foi o início da sua relação com o *Correio das Artes*, conforme depoimento a seguir:

“Surpresa mais que agradável, cativante, quando me deparei, na biblioteca de Campina Grande, com uns versos sem rima, sem metrificacão, mas me tangendo, fazendo o mesmo efeito que os da antologia que as gramáticas adotavam para os exercícios ginásianos de leitura. Os versos não vinham num livro, mas num jornalzinho tamanho de festa, o título em lavo- res para mostrar a coerência. O verso era de Edson Régis, responsável pela novidade e trazia um texto do filho de Dona Piinha que, uma vez ou outra, aparecia de visita aos parentes de Alagoa Nova. Dona Piinha já havia dado um filho poeta, Eudes Barros, fruto do primeiro casamento, e agora nos dava o segundo, se não poeta, escrevendo com gosto de poesia, Carlos Romero.

E me aparentei com o jornalzinho feito revista, nunca faltando na biblioteca de Campina nem do Dr. Zamenhoff, nome do esperantista que o prefeito letrado, Arlindo Colaço, foi buscar, na Polônia, para a bibliotéquinha de nossa terra. Em Areia, hóspede de Miriel Azevedo, lá estava o *Correio* na mesa de leitura. Em Pombal, quando Amauri Queiroga me levou de férias para a sua casa. Em Mamanguape, na biblioteca e na casa de Adailton Coelho. Em Caiçara, quando entrevistei Severino Ismael. Em Alagoa Grande, leitura predileta de Manuelzinho Onofre. E pela conversa dos colegas de Casa do Estudante, em Piancó com artigos do Padre Otaviano, em Souza, em Cajazeiras, falado por Abdiel Rolim. ▶

► Onde faltava o *Correio* de Edson Régis, depois de Eduardo Martins e finalmente de Antônio Barreto Neto, Jurandy Moura e Sérgio de Castro Pinto?

Numa de suas restaurações (houve hiatos, sim) corri atrás de Barreto para lembrar que o logotipo e os labores de marca eram de Santa Rosa, numa feliz coincidência, a de se acharem de férias na Paraíba, e em visita a **A União**, José Simeão Leal e o grande ilustrador e cenarista brasileiro nascido em João Pessoa. Num só momento, numa mesma sala, numa mesma descida para a oficina, Edson Régis, Eduardo Martins, Simeão Leal e Santa Rosa. Nasceu para ficar, sem dúvida”.

João Trindade e Carlos Aranha - No time do ex-editores do *Correio das Artes* figuram ainda personalidades importantes do mundo das letras e das artes paraibanas, a exemplo do poeta, advogado, professor e radialista, João Trindade, além do multiartista Carlos Aranha, que atua como jornalista, músico, cantor, compositor, escritor, poeta, teatrólogo, produtor artístico, ator e cineasta.

Wellington Pereira - Em 1986, o jornalista Wellington Pereira foi convidado por Walter Santos, então editor geral do jornal **A União**, para editar o *Correio das Artes*. Em depoimento publicado na edição comemorativa dos 60 anos do suplemento, em 2009, Wellington afirmava que, naquela época, o *Correio das Artes* era uma espécie de gabinete da cultura paraibana. “Esse suplemento tinha alcançado prestígio nacional graças ao excelente trabalho editorial do poeta Sérgio de Castro Pinto. Para mim, editar o *Correio das Artes* foi uma experiência gratificante. O *Correio das Artes* é uma espécie de ipê roxo da cultura paraibana”, elogiou, naquela oportunidade.

Marcos Tavares - O jornalista Marcos Tavares, que editou o *Correio das Artes* no início dos anos 90, explica que, sem dúvidas, a resistência temporal e a qualidade mostram que o *Correio das Artes* é uma experiência editorial consolidada. “Sua pluralidade, seus espaços abertos aos jovens escritores, sua política de

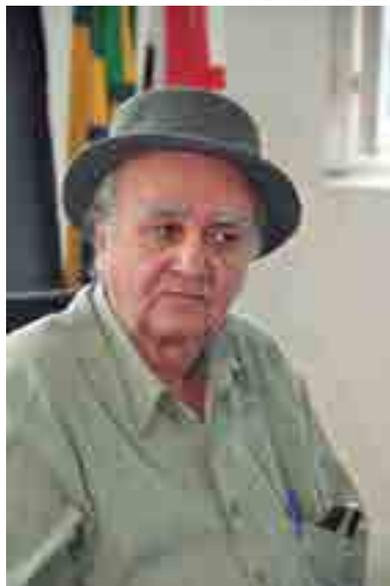


FOTO: EVANDRO PEREIRA



FOTO: DIVULGAÇÃO



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

inclusão sem censuras o caracteriza não só como um divulgador do que se faz de melhor em literatura brasileira como numa fonte correta para abrir carreiras. Tive uma breve, brevíssima experiência como editor do *Correio das Artes*, um ou dois números. Foram insignificantes, não era minha praia, graças a Deus, ele sempre teve a sorte de cair em mãos competentes que continuam e aperfeiçoam sua grandeza”, comenta.

Aldo Lopes - O escritor Aldo Lopes de Araújo atuou por quase um ano como editor do *Correio das Artes*, na década de 90 do século passado. Na sua opinião, o suplemento literário mais antigo em circulação da América Latina, o *Correio das Artes*, e que há 70 anos circula encartado no jornal **A União**, durante todo esse tempo representou um dos mais importantes veículos para a disseminação da literatura nacional, sobretudo da produção literária regional e local.

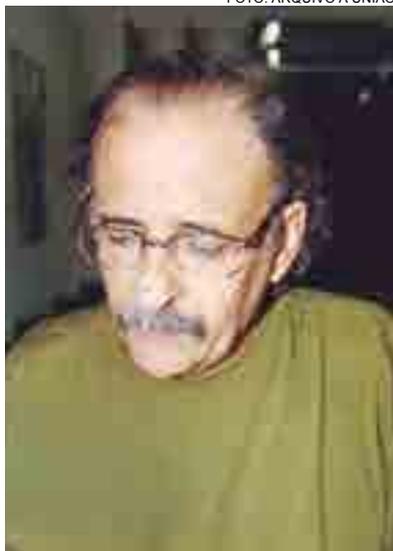
“Vários autores de obras hoje reconhecidas pela crítica tiveram seus primeiros textos publicados no *Correio das Artes*. Em sua fase mais fecunda, o suplemento chegou a conquistar o prêmio de Melhor Divulgador Cultural do Brasil, durante a década de 80, prêmio dado pela Associação Paulista de Críticos de Arte”, ressalta.

Aldo relata que, no início dos anos 80, a primeira coisa que fazia aos domingos era comprar o jornal **A União**. Na verdade,

Da esquerda para a direita, Carlos Aranha, Aldo Lopes e João Trindade, que também marcaram presença na editoria do Correio das Artes

seu interesse era o *Correio das Artes*. “O editor Jurandy Moura era muito rigoroso na escolha do material que editava, sempre de olho na qualidade literária. Meu sonho era publicar um conto naquele espaço. Levei o texto para Jurandy e fiquei esperando. Só saiu depois que Jurandy morreu e Antônio Barreto Neto assumiu a editoria. “Decidi tomar conta para não acabar, ele é servidozinho que é danado”, disse Barreto, no dia em que fui suplicar clemência para ele publicar o meu conto”, lembra.

Aldo revela que após o pedido feito a Barreto, seu conto saiu no ►



Poetas Cláudio Limeira (à esquerda) e Linaldo Guedes, editores do Correio das Artes. Na editoria de Linaldo, o suplemento passou por uma radical reforma gráfica

▶ próximo número do suplemento. “Fiquei feliz demais. Tomei gosto pela literatura e dela nunca mais me aparteí. E se alguma coisa faço hoje, agradeço ao espaço do *Correio das Artes*, ali foi a minha escola, a escola de quase todos os escritores bons que eu conheço hoje e ainda publicam nele suas produções. Tenho um amor visceral pelo *Correio das Artes*. Já nos anos 90, jogaram em minhas costas um monte de papel, originais de artigos, contos e poesias de um sem número de autores e me encarregaram de sua editoria. Acho que passei quase um ano nessa ocupação. Sofri muito, mas gostei. Afinal de contas, era o *Correio das Artes*”, justifica.

Saulo Mendonça - O poeta, cronista e também ex-editor do *Correio das Artes*, Saulo Mendonça, explica que, logo que assumiu a editoria do suplemento, imediatamente, abriu uma janela para iniciantes na literatura. “E o fiz antes deles alcançarem alguns degraus de notabilidade e experiência. Antes também que fossem atingidos pelos chamados críticos eufóricos, plantonistas que - mal começavam a tentativa de julgar a palavra alheia - já investiam com rigidez, contra os que se iniciavam na arte da operação da palavra”, complementa.

Saulo acrescenta que, geralmente, conseguiam o que desejavam: um “certo” avultamento, quando, dependurados nos rabos de foguetes de poetas avoantes e escritores (começando a acender as suas luzes), emergiam, subitamente, diante

dos olhos medíocres da crítica alucinada. Hoje me regozijo em ver algumas pessoas que publicaram seus poemas nesse espaço. A exemplo de um Abrahão Costa Andrade, bem-sucedido poeta e já com vários (bons) livros publicados, superando até mesmo aos dos pretensos críticos da época”, alfineta.

Segundo revela Saulo, a outra ação, a que mais resultou na reverberação das publicações do *Correio das Artes*, sob seus cuidados, foi a de ter escolhido, em cada estado da federação, um representante do suplemento. “Sem ônus para o jornal, dedicavam-se, comentavam, amealhavam escritores das suas regiões e remetiam trabalhos para o *Correio das Artes*. Hoje, alguma coisa mudou, mas sem deixar de ser aquele velho bem cuidado, com calibre de lucidez, forte e resistente ao tempo. Agora nas boas mãos do excelente jornalista e escritor William Costa, dando continuidade à sua trajetória, parabênizo o *Correio das Artes* pelos setenta anos de chão, por ter durante esse tempo, salvaguardado a arte da palavra e tudo que dela veio em forma de história e de valores”, enaltece.

Cláudio Limeira - Uma nova fase, mais duradoura, começa com Cláudio Limeira e Yó Limeira, singularizada sobretudo pela presença do *Correinho das Artes*, uma espécie de suplemento dentro do suplemento, voltado especialmente para a leitura e a produção dos textos infantis e infanto-juvenis.

O escritor, jornalista e professor paraibano, Cláudio Limeira, afirma que sempre é uma grande alegria escrever para o suplemento, ora septuagenário, que já se incorporou a tudo que tem de melhor no panorama cultural do estado da Paraíba e, porque não dizer, do país. “É grande a satisfação de poder participar como colaborador ao lado de muitos, tanto novos como antigos, já consagrados pelo alto nível dos seus escritos. É uma janela valorosa para os que dele participam. Os leitores por sua vez, quase sempre, também possuem um visível e elevado lastro cultural. Talvez por ter tanta identidade com o suplemento, eles aceitam os meus textos”, comenta.

No entender de Cláudio Limeira, a longevidade com qualidade já é uma marca registrada do *Correio das Artes* no cenário literário. “Quando o *Correio das Artes* tornou-se sexagenário, acho que já era o único suplemento literário impresso no país. Muitos jornais e revistas literárias povoam o mundo da Internet, o que é muito bom. Na minha modesta opinião, nada substitui o encanto da palavra impressa, quentina, o cheiro do papel, da tinta tatuando nossas almas”, ressalta.

O poeta e contista lembra que seus primeiros contatos com o *Correio das Artes* foram nos anos 70, na editoria de Jurandy Moura, mas só como leitor. Só a partir dos anos 80, com Sérgio de Castro Pinto, é que passou a colaborar com o suplemento. “Depois de um período de instabilidade, vários editores se sucederam em curtos intervalos de duração, seguindo-se uma nova fase com Sérgio de Castro Pinto como editor e eu como secretário - 1992 a 1997. Em seguida até 2002 fiquei como editor ao lado de Yó Limeira que, a essas alturas, já havia criado o suple-



Poeta Antônio Mariano,
editor do *Correio das Artes*. Na sua editoria
foi lançado o Prêmio
Jovem Escritor

mento infanto-juvenil *Correinho das Artes*, jornalzinho feito em parceria com alunos do ensino fundamental das escolas públicas e privadas”, ilustra.

Linaldo Guedes - É com Linaldo Guedes, em fase mais recente, que o *Correio das Artes*, a certa altura de sua história, transformando-se em revista, sela, ainda outra vez, um grande momento de consolidação. O poeta de Cajazeiras, enquanto editor do *Correio das Artes*, recebe do crítico literário Hildeberto Barbosa Filho a seguinte avaliação:

“Numa perspectiva editorial aberta, porém seletiva, Linaldo Guedes soube aproveitar os elementos icônicos dos modernos instrumentos tipográficos e visuais permitidos pelas novas tecnologias, fazendo do *Correio das Artes* um suplemento que agrada aos olhos, aos sentidos, ao corpo; uma espécie de caderno estético, objectual, persuasivo em sua plástica, mas também um caderno que não merece à qualidade das matérias veiculadas”.

Linaldo afirma que ter editado o *Correio das Artes* por seis anos

consecutivos foi uma das suas maiores conquistas profissionais. “Ao tempo em que editamos o suplemento, implantamos algumas modificações, como transformá-lo em revista, e valorizar os autores contemporâneos, sem esquecer dos ícones da nossa literatura. Creio que cumprimos nosso papel na missão de manter a tradição do suplemento, que sempre foi de valorizar a literatura nacional, sem se prender a escolas ou tendências literárias. Antes de tudo, ser um suplemento plural, creio, é a principal característica do mesmo”, afirma.

Em termos de retorno por parte dos leitores, Linaldo garante que tem um retorno positivo. “Tenho uma caixa de e-mails que recebia na época de todas as partes do Brasil, comentando, elogiando ou questionando algumas de nossas matérias”, declara. Ele revela que alguns textos seus divulgados no *Correio das Artes*, foram publicados no seu livro *Receitas de como se tornar um bom escritor*. “Quem sabe, mais adiante, publico outros em livro? Tenho um projeto de memórias dos bastidores do mundo literário, e com certeza essa minha passagem pelo *Correio das Artes* será contemplada nesse possível livro, caso o publique um dia”, revela.

Linaldo Guedes considera o *Correio das Artes* um dos maiores patrimônios da literatura brasileira. “E não só por ser o mais antigo em circulação. Mas pela qualidade dos seus colaboradores e pelo olhar criterioso, sem ser sectário, de todos os editores que passaram pelas suas páginas. Seria interessante que ele fosse declarado patrimônio da literatura paraibana”, almeja.

Com relação ao que ainda precisa ser feito para tornar o suplemento cada vez melhor, Linaldo deixa claro que tudo vai de acordo com cada editor, que, logicamente, tem sua forma de pensar o suplemento. “Penso que valeria a pena uma maior divulgação do suplemento, que já comportaria um site só pra ele, com as matérias, resenhas, poemas e contos que são publicados em sua página. No mais, parabenizar o jornalista William Costa, pelo exce-

lente trabalho que vem fazendo à frente do suplemento”, conclui.

Astier Basílio - O jornalista, poeta, dramaturgo, autor de folhetos de cordel, Astier Basílio, explica que para quem é jornalista de cultura, na Paraíba, editar o *Correio das Artes* é uma espécie de coroação. “Acredito que dei continuidade ao alinhamento iniciado na nova fase do suplemento, quando aliou o conteúdo ensaístico, à reflexão acadêmica a uma dimensão mais factual, mais jornalística. Foi um momento muito precioso e de aprendizado pra mim. Então, quando tive a chance de assumir a editoria [substituindo Linaldo Guedes], peguei o bastão e dei continuidade”, resume.

Antônio Mariano - O poeta, escritor e jornalista, Antônio Mariano, foi editor do *Correio das Artes* entre 2009 e 2010. Segundo comenta Mariano, como publicação custeada com verba pública, o setentão *Correio das Artes* é o mais antigo em circulação no País, seguido pelo *Suplemento Literário de Minas Gerais*, da década de 1960. “Ostentou momentos de grandeza quando sua linha editorial não foi baírrista e, sim, mais plural, como em vários momentos, inclusive agora. Abrigar o que é produzido em termos locais, nacional e mesmo internacional é um caminho acertado”, assevera.

Antônio Mariano explica que antes do advento da Internet, o reinado do *Correio das Artes* era maior, naturalmente. Entretanto, houve pioneirismo nesse sentido, quando ali por 2007 e 2008, Linaldo Guedes criou o blogue do *Correio das Artes*. “Quando dos 60 anos de existência do *Correio das Artes*, tentei manter esses canais como páginas no Orkut, a grande a rede social da época. Enviava arquivos em PDF (como mestre William Costa continua fazendo) das edições para leitores que não tinham acesso e recebia retorno em forma de comentários de dentro e de fora do país”, relata.

O escritor considera o *Correio das Artes* como uma ferramenta auxiliar na formação de leitores. Ele diz que é um grandioso investimento torná-lo maior e fazê-lo chegar à porta de entrada do

› conhecimento, à educação. No seu entender, a digitalização de todas as edições da publicação precisa estar acessível em tempo real para o cidadão em qualquer parte do mundo.

Antônio Mariano acrescenta que, na sua história com o suplemento literário, merece registro o Prêmio Jovem Escritor (limitado até a idade de 25 anos), de 1986, promovido pelo *Correio das Artes/A União* e pela então Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado (SECETUR). “Fui o único vencedor aos 22 anos incompletos”, complementa.

William Costa - Em fevereiro de 2003, William Costa assume, pela primeira vez, a editoria do *Correio das Artes*. Ele ocupou o cargo por três meses, mas, apesar do curto período, inaugura uma programação visual que vinculava o suplemento às novas diretrizes gráficas e editoriais estabelecidas para o jornal *A União*. “Em março de 2011, convidado pela então editora geral de *A União*, jornalista Beth Torres, retornei à editoria do *Correio das Artes*, implantando, em parceria com o supervisor gráfico, Paulo Sérgio de Azevedo, um novo projeto gráfico e editorial, inspirado no anterior, que aproximou ainda mais, o suplemento, do formato de revista, tal qual ele se apresenta hoje”, explana.

Nesta segunda passagem pela editoria do *Correio das Artes*, William procura manter vivo o compromisso do suplemento com a cultura paraibana, conservando assim a sua função de vitrine para a análise crítica e a produção artística e literária da Paraíba e do Nordeste, sem esquecer os valores das demais regiões do país. “Entendo que a literatura e a crítica literária, em suas diversas formas, exercem uma força gravitacional diferenciada sobre o *Correio das Artes*, mas o suplemento sempre se manteve, em maior ou menor grau, aberto aos textos jornalísticos, bem como às resenhas de filmes, peças teatrais, música, espetáculos de dança, etc.”, detalha.

O jornalista explica que a experiência de editar o *Correio das Artes* é quase indescritível,

FOTO: DIVULGAÇÃO



FOTO: ORTILIO ANTÔNIO



Professores e poetas Carlos Newton Júnior (acima) e Amador Ribeiro Neto, colunistas do Correio das Artes

vez que compensa, pelo que se recebe em troca, mesmo com os percalços naturais às atividades humanas. “Na minha escala pessoal, sinto que atingi um nível profissional satisfatório, e parte considerável dessa conquista devo ao suplemento. O intercâmbio com jornalistas, artistas, escritores, críticos e professores, bem como o convívio umbilical com os textos que eles, gentilmente, oferecem, ao *Correio das Artes*, para publicação gratuita, no suplemento, são fontes privilegiadas de conhecimentos, no plano da cultura”, analisa.

COLUNISTAS: PLURAIS NO ESTILO E NAS IDEIAS

O colunismo tem sido uma das marcas fortes do *Correio das Artes* e assinar uma coluna no suplemento literário mais antigo do país é considerado uma honra. É o que afirma o poeta, professor e ensaísta pernambucano Carlos Newton Júnior, responsável pela coluna “Novo Almanaque Armorial”, nome inspirado no título da coluna “Almanaque Armorial do Nordeste”, que o seu amigo pessoal, o escritor Ariano Suassuna (1927-2014), assinou por vários anos no jornal *A Semana*, já extinto.

“Foi na coluna ‘Almanaque Armorial Brasileiro’ que Ariano começou a detalhar os princípios do Movimento Armorial, depois ele começou a escrever para a *Folha de S. Paulo* e usou o nome ‘Almanaque Armorial Brasileiro’ e, por último, ‘Almanaque Armorial’. Como Ariano já tinha encerrado a coluna, pedi a autorização dele para nomear a minha coluna como ‘Novo Almanaque Armorial’, porque o que eu queria realmente era resgatar os princípios do Movimento Armorial e mostrar a atualidade desses princípios, no que fui atendido”, revela Carlos Newton.

A participação de Carlos Newton Júnior no *Correio das Artes* começou a convite de William Costa, quando o mesmo assumiu a editoria do suplemento. Carlos Newton lembra que hesitou um pouco, porque é sempre um compromisso a mais, para quem já está muito atarefado com atividades acadêmicas, mas que resolveu aceitar o desafio. Segundo o colunista do *Correio das Artes*, os primeiros textos foram uma espécie de resgate e atualização dos princípios ligados ao Movimento Armorial. Uma característica básica da arte armorial é a ideia da integração das artes, algo que acontece na prática no *Correio das Artes*.

O especialista no estudo da experiência artística e literária de Ariano Suassuna conta que quando encerrou essa parte sobre o Movimento Armorial, em sua coluna no *Correio das Artes*, começou a escrever sobre vários

▶ assuntos, porque o Almanaque dá essa abertura e quem escreve pode colocar tudo.

“Aí, eu comecei a escrever sobre outros assuntos e aos poucos fui transformando numa crônica livre, às vezes uma crônica de mera ficção, outras vezes um comentário de um acontecimento de alguma coisa ligada ao mundo da cultura. E, assim, até hoje, tem sido uma experiência muito boa, porque eu nunca havia me comprometido com uma coluna, com um texto sistemático. Como colaboração regular, a do *Correio das Artes* foi a primeira, e com isso pude manter uma certa disciplina de continuidade”, reconhece.

Carlos Newton explica que a opção por algumas colunas fixas para alguns colaboradores, feita por William Costa, é importante para manter a linha de integração das artes. “Sempre você vai ter alguma coisa sobre cinema, sobre literatura. O *Correio das Artes* procura abarcar todas as áreas com essas colunas e os colunistas que têm. O suplemento não se prende só a literatura. Ele é um suplemento literário, mas que tem uma abertura grande, sobretudo com as relações de literatura e cinema, literatura e história e eu acho que isso também é uma qualidade do *Correio*, por isso que é das Artes”, analisa.

O professor de estética e história das artes da Universidade Federal de Pernambuco comenta que os 70 anos do *Correio das Artes* é um privilégio e uma grande vitória, considerando a história, nem sempre longa, dos periódicos destinados às artes e à literatura no Brasil. “Esperemos que continue assim. Acho muito importante a continuidade e reforço na distribuição do suplemento para os formadores de opinião, a exemplo de escritores e críticos literários. O poeta, contista, romancista, tradutor, crítico de arte, ensaísta, dramaturgo e memorialista gaúcho, Walmir Ayala, que morreu na década de 90 e era muito antenado com as questões literárias. Ele concedeu, em 1986, uma entrevista em Portugal sobre o panorama literário brasileiro, e quando o entrevistador pergunta sobre as publi-



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

O poeta e professor Expedito Ferraz Júnior é um dos mais recentes colunistas do Correio das Artes

cações que surgiam no Brasil, ele cita o *Correio das Artes*. Isso aconteceu porque Ayala recebia o *Correio das Artes*, quer dizer, esses formadores de opinião são muito importantes para manter a vida do suplemento”, justifica.

Já o professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, na UFPB, Amador Ribeiro Neto, também colunista do *Correio das Artes*, afirma que escrever para o suplemento é um compromisso com a literatura - em especial a literatura brasileira contemporânea. “Desde que vim morar e trabalhar em João Pessoa, há quase trinta anos, colaboro com o *Correio das Artes*. E este trabalho é consequência de minhas leituras e de minhas aulas na UFPB. E é uma alegria ser publicado por um suplemento tão prestigiado local e nacionalmente”, elogia.

Amador diz que o retorno do que escreve, principalmente da parte dos leitores, é o melhor possível. “De toda parte do país recebo resposta a meus textos ali publicados. No geral são congratulações por apresentar um novo escritor ou poeta. Mas há, e são os que mais me incentivam e desafiavam, os que, com fundamentação argumentativa, contestam minhas ideias, fazendo-me rever pontos de vista. Estes, ainda que

raros, são os comentários que mais me movem a novas leituras e à revisão de meus postulados críticos”, ressalta.

Perguntado se pretende levar os textos publicados no *Correio das Artes* para o livro, Amador Ribeiro Neto afirma o seguinte: “Indubitavelmente. Ao escrever as colunas, muitas vezes, mesmo sem o leitor se dar conta, elas obedecem a um planejamento de um texto mais encorpado, quase ensaístico, a partir da reunião de três ou mais colunas. O livro é uma das metas de minhas colunas”, revela.

Na opinião de Amador, o *Correio das Artes* é um dos suplementos mais antigos do país e sempre se pautou, em primeiro lugar, por ser uma vitrine da literatura paraibana para o país todo. “E, em segundo lugar, por veicular a produção crítica e a criação de nomes mais expressivos da literatura nacional. Um veículo atento ao seu tempo e à tradição de nossa literatura”, observa.

Ele acrescenta que, para tor-

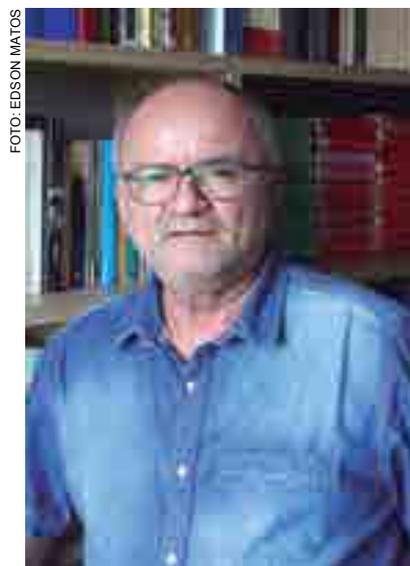


FOTO: EDSON MATOS

O professor Milton Marques Júnior trouxe os estudos clássicos para as páginas do Correio das Artes

nar o suplemento cada vez melhor, é preciso ampliar cada vez mais o rigor na seleção de textos literários de criação (poemas, contos, crônicas). “Todavia, esta minha observação, enfatizo, não mancha em nada a existência e a importância do *Correio das Artes*. ▶

♦ Antes, é uma observação que não deixa de louvar a diversidade de pontos de vista críticos e qualidade estética, nos textos ali publicados. Parabenizo a todos os editores que, desde o lançamento do *Correio das Artes*, têm matado um leão a cada dia para que a periodicidade do suplemento e a ênfase na literatura brasileira estejam em destaque”, conclui o colunista.

A professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Analice Pereira, afirma que é um orgulho escrever para o *Correio das Artes*, suplemento literário que está em circulação há 70 anos, ininterruptamente, no estado da Paraíba. “A possibilidade do exercício da escrita, decerto, é o primeiríssimo ganho que tenho. Em seguida, vêm comentários de leitores, num diálogo que se faz bastante produtivo, tendo em vista, sobretudo, discordâncias de crítica literária, o que torna o debate, às vezes até fora da revista, muito sério. Compartilhar do mesmo espaço de publicação com críticos como Amador Ribeiro Neto e Carlos Newton Júnior é uma satisfação imensa. Destaco, ainda, a importância de participar, como mulher, de um espaço majoritariamente masculino”, frisa.

O doutor em Letras e poeta Expedito Ferraz Jr. ressalta que participar como colunista do *Correio das Artes* é um grande prazer e uma grande honra. No seu entender, trata-se do mais importante veículo de divulgação de literatura da Paraíba e, certamente, de um dos mais importantes do país. “Tudo o que acontece de relevante na produção literária do nosso Estado repercute nas páginas desse veículo, seja sob a forma de divulgação, de apreciação crítica ou de circulação e debate do pensamento estético. Essa é uma função social que o *Correio das Artes* assumiu e desempenha com a credibilidade que é resultado de um trabalho rigoroso de seus editores e colaboradores ao longo de décadas”, enaltece.

Ele explica que, no seu caso, o trabalho de crítica acontece como um complemento da sua ativida-

de de ensino de Teoria Literária, mas tendo como alvo, neste caso, um público mais amplo. Reconhece que a repercussão é sempre gratificante, na medida em que se desdobra numa espécie de conversa aberta sobre o texto literário. Expedito pensa na possibilidade de selecionar alguns artigos futuramente, e fazer o registro em livro. “Sobre aperfeiçoamentos no *Correio das Artes*, acho que eles são sempre bem-vindos. Acredito que as novas tecnologias não param de nos trazer novos desafios, e imagino que os recursos das mídias digitais (um território em contínua expansão) trarão, em breve, novas possibilidades a serem exploradas paralelamente à edição impressa”, prevê.

Já o professor de Línguas e Literaturas Clássicas da Universidade Federal da Paraíba, Milton Marques Júnior, lembra que a primeira imagem que lhe vem à cabeça, quando vê o *Correio das Artes*, é a dos escritores, críticos, e poetas da Paraíba, alguns dos quais amigos há trinta anos – Sérgio de Castro Pinto, Hildeberto Barbosa Filho, João Batista B. de Brito, Wellington Pereira, Waldemar J. Solha, Edônio Alves... Ou seja, para ele, o *Correio das Artes* representa, antes de tudo uma plêiade de intelectuais paraibanos, lendo a Paraíba e o mundo.

“Ao acolher textos de autores de fora, o *Correio das Artes* mostra a sua pluralidade e seu alcance nacional, o que já lhe valeu um prêmio da Associação dos Críticos de Arte de São Paulo. Para mim, o *Correio das Artes* foi um veículo primordial, pois foi em suas páginas, nos idos de 1977, que eu publiquei meu primeiro ensaio – uma análise do poema ‘Consoada’, de Manuel Bandeira. Continuei publicando, bissextamente daquele ano para cá, mas só após a chegada de William Costa, que deu um impulso maior ao suplemento, sem demérito para os demais editores, é que aceitei assinar uma coluna, que se chama ‘Scholia’,

onde faço análise e comentários literários”, explana.

O escritor e colunista do *Correio das Artes* acrescenta que, para a Paraíba, o *Correio das Artes* é essencial, incontornável, imprescindível, pois mostra que há vida literária e cultural no estado, além de ser o único veículo cultural mais específico que existe circulando no momento. “Para mim, particularmente, o *Correio das Artes* preenche uma necessidade que tenho de escrever. É verdade que, hoje, com as redes sociais, principalmente o Facebook, ensejam a escritura cotidiana e mais ágil, com uma comunicação imediata. O *Correio das Artes*, no entanto, é o espaço do texto mais apurado, dirigido a um público mais específico, o público literário e artístico, de modo geral”, argumenta.

Milton Marques Júnior acrescenta que o retorno do que escreve é sempre bom, mas é um retorno, sobretudo, das pessoas do círculo de amizade. “Já recebi, é verdade, correspondência de fora, de pessoas que gostam do que escrevo e até me mandam livros. Mas era necessário que o *Correio das Artes* passasse a ter um registro desse retorno, com uma coluna de cartas do leitor, por exemplo. Seria bom para quem escreve e para o suplemento, revelando aos paraibanos a extensão de sua circulação e a sua importância fora daqui”, sugere.

O colunista explica que escreve para o *Correio das Artes*, desde 2011, com regularidade, e que tem uma quantidade considerável de textos já publicados. Ele está vendo a oportunidade de selecionar os textos e de revisá-los, visando a uma publicação. “Num país em que pouco se lê e em que livro é muito caro, é artigo de luxo, o *Correio das Artes* é um veículo de extrema importância de divulgação da cultura, tendo a sua relevância no contexto nacional. O que precisamos é de um sistema de distribuição para mostrar o que temos. Não basta a circulação doméstica”, alerta. ❖

Alexandre Nunes é jornalista e mora em Santa Rita (PB).

O Correio das Artes

NA VISÃO DE
SEUS COLABORADORES

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Comemorar 70 anos de um suplemento literário no Brasil não é para qualquer um. E o *Correio das Artes* chega a esta data com a sensação de estar cumprindo o seu papel, no fomento à arte, mais especificamente à literatura, na revelação de novos talentos, na valorização da prata de casa e sem esquecer dos seus colaboradores. São eles que muitas vezes dão o tom do que vai pelas páginas do suplemento literário mais antigo em circulação no país, com artigos, crônicas, resenhas, ensaios, poemas, contos, novelas etc. – alguns deles alçados à tema de capa, dada à relevância do assunto abordado.

Nada mais justo, portanto, do que deixar os colaboradores falarem de suas relações com o *Correio das Artes*. E eles falaram. Alguns de forma mais lúdica; outros com um tom mais lírico, mas todos eles destacando o caráter plural e o legado mantido de respeito à literatura brasileira, isso independente do editor que estiver no comando do suplemento. Todos eles enaltecendo o trabalho dos editores que passaram pelo suplemento, em particular a William Costa, pelo trabalho criterioso na edição do *Correio das Artes*, e destacando o nível das colaborações e de seus ilustradores.

São eles que muitas vezes dão o tom do que vai pelas páginas do suplemento literário mais antigo em circulação no país, com artigos, crônicas, ensaios, poemas etc.

FOTO: ANDRÉIA SOLHA



W. J. SOLHA

(escritor, ator e artista plástico)

Quando completei 70 anos, deu-se – no Espaço Cultural (José Lins do Rego) – a estreia de um concerto com direito a sinfônica, solistas, coral e narradores: a *Cantata Bruta*, composta por um grupo de celebridades integrantes do COMPO-MUS, do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Eli-Eri Moura, Marcílio Onofre, Wilson Guerreiro, Didier Guigue, Valério Fiel da Costa e José Orlando Alves –, as partituras em cima de contos sobre a violência do mundo contemporâneo, extraídos de *A Gigantesca Morgue* – parte de minha *História Universal da Angústia* (Bertrand Brasil, 2005). E pense na abertura excepcional da noite: o lançamento, antes da apresentação da *Cantata* – na mostra de quadros meus, no saguão do teatro – de um número especial do *Correio das Artes* do qual eu era matéria de capa – um presente do William Costa que, depois, me faria outro, ainda maior: abriria espaço, na revista – e grande – para uma série de ensaios ilustrados, meus, que exigiram dele e de sua equipe enorme zelo e trabalho. Mas não é de hoje que conheço William: na verdade, desde quando, garoto da vizinhança, amigo de meu filho Alexei Dmitri, um dia entrou em meu gabinete e – tão fascinado como sempre foi, por livros – acabou por merecer que eu lhe dissesse que escolhesse alguns em minha estante e os levasse. O *Correio das Artes*, sob sua direção, tem sido motivo de orgulho pra Paraíba. E pra mim, claro: não é todo mundo que tem um amigo desse calibre. ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO



► **CLÁUDIO FELDMAN**
(escritor)

Eu me aproximei do *Correio das Artes* no início dos anos '80, do saudoso século XX. O editor era o poeta Sérgio de Castro Pinto, que me acolheu generosamente, divulgando meus textos e os livros e fanzines que eu produzia pela Editora Taturana. A partir daí, até hoje, nunca deixei de ser incluído na publicação, que, apesar de sua longevidade, está sempre se renovando, com muita competência, sensibilidade e bom nível. Tenho muita satisfação em veicular meus textos no *Correio das Artes*, que nunca foi bairrista, pois sempre privilegiou autores de todo o mapa brasileiro. Parabéns e rumo ao centenário!

FOTO: PAULA SILVA



WILSON ALVES-BEZERRA
(professor e escritor)

Sou dos leitores mais recentes do *Correio das Artes*. No fim de 2016, estava de viagem por João Pessoa e ao ir à banca de jornal comprar os jornais locais – algo que sempre faço – vi que no jornal *A União* vinha encartado o *Correio das Artes*. Para mim, que sou paulistano e estava presenciando o fechamento ou encolhimento de todos os suplementos literários locais, saber de um longo suplemento como aquele, com tamanha diversidade e, ao mesmo tempo, com atenção à pro-

dução local, foi uma tremenda alegria. Feita a descoberta, logo entrei em contato com o William Costa, para parabenizá-lo pela edição do caderno e para colocá-lo à disposição para colaborar. Assim, tornei-me leitor e colaborador do *Correio das Artes*, onde tenho escrito artigos sobre literatura latino-americana. Desejo vida longa ao suplemento, pois se a circulação massiva de ideias sobre a cultura e as artes é sempre fundamental para a sociedade, em momentos obscuros como o atual, ela é imprescindível.

FOTO: MARCOS RUSSO



ANA ADELAIDE PEIXOTO
(professora e escritora)

Sou leitora de jornais desde pequena. Viciada mesmo. Mas, confesso que, o *Correio das Artes* só vim conhecer já adulta. Aí foi um achado! Um susto! Desde então, acompanho o suplemento. Leio os autores que lá publicam. E com alegria e muita satisfação, vez por outra escrevo com mais capricho para publicar meus textos nesse espaço tão importante das artes literárias. Além de ter o prazer de ler o suplemento, no último domingo do mês, sempre utilizava seus textos em sala de aula. E num exercício do tempo e renovação, ultimamente, tenho visto alunas escritoras publicando também. O tempo tem sido generoso com o *Correio das Artes*. Seus organizadores cada dia mais exigentes e preocupados com a qualidade do encarte, das publicações, dos temas abordados, das ilustrações, entrevistas, e homenagens. A cada dia mais rigor e mais atual. Um primor mesmo! Parabéns aos que fizeram/fazem esse pioneiro suplemento que luta bravamente para brilhar com qualidade e que faz parte dos registros e da história da imprensa e da arte paraibana.

FOTO: DIVULGAÇÃO



VITÓRIA LIMA
(poeta e professora)

Minha relação com o *Correio das Artes* é, antes de tudo, afetiva. Claro que tem o lado intelectual, mas, o afetivo vem primeiro, pois sou muito orgulhosa de termos um suplemento literário do nível do *Correio* entre nós. Gosto e admiro a forma como é editado, e sempre que tenho alguma boa ideia, colaboro e sinto-me honrada de ter minhas colaborações aceitas e publicadas. Nas áreas de cinema, literatura, poesia, teatro, em tudo que toca a arte e sua abrangência, está no escopo coberto pelo CA e isso é muito bom para quem vive e respira a literatura, como é o meu caso. Sempre digo que, juntamente com o salário, o fim do mês marca outra grande alegria para mim, qual seja a leitura do *Correio das Artes*. Tenho colecionados vários exemplares do CA, tanto a revista como o tabloide. Desejo longa vida para o nosso *Correio das Artes* e que não se dissolva no ar, juntamente com outras preciosidades que estão se dissolvendo no nosso país.

FOTO: DIVULGAÇÃO



JOSÉ MÁRIO DA SILVA
(professor e crítico literário)

Fundado em 1949 pelo visionarismo de Édson Régis, o *Correio das Artes* é um marco e uma marca de pioneirismo literário nos horizontes editoriais brasileiros, acolhendo, desfronteirizadamente, colaborações que consorciavam uma admirável multiplicidade de

▶ gêneros literários: o conto, a crônica, o poema, o ensaio, dentre outras modalidades manifestativas da palavra em estado de estesia, que têm feito do *Correio das Artes* ponto de partida e de chegada de todas as suas cogitações recriadoras do real. Na comemoração dos setenta anos de existência do nosso querido *Correio das Artes*, sinto-me um privilegiado por ser um dos seus contumazes colaboradores, militando, há vários anos, no desbordante universo do ensaio literário, gênero ambíguo que o mestre Eduardo Portella classificou como sendo cindido entre a liberdade do olhar e o olhar da liberdade. Parabéns ao *Correio das Artes* e a todos os que contribuem para a sua permanência como um espaço libertário de reflexão, tendo na arte, em sua visceral pluralidade, a sua indeclinável tribuna. Setenta anos do *Correio das Artes*, um tempo com sabor de eternidade.

FOTO: ORTILO ANTÔNIO



NEIDE MEDEIROS SANTOS
(escritora e crítica literária)

Meu contato com o *Correio das Artes* se deu em 1983, na época em que Sérgio de Castro Pinto era editor. Sérgio era meu colega de Departamento na UFPB e não foi difícil começar a publicar meus primeiros ensaios na conceituada revista literária. Como professora de Teoria Literária da UFPB (Campina Grande e João Pessoa), utilizei muitos textos publicados na revista em minhas salas de aula, interpretando, junto com os alunos, poemas, contos e metacrítica dos ensaios. Comprava vários exemplares ao jornalista Gilberto e distribuía com os alunos. Observo um crescimento qualitativo da revista nos últimos anos. Os editores procuram privilegiar não só a literatura, mas as artes de um modo geral. William Costa é o editor desde 2011 e tem contado com

a participação efetiva de Linaldo Guedes. Além disso, destaco a colaboração de dois bons ilustradores paraibanos - Domingos Sávio e Tônio. Eles dão colorido e beleza aos textos. Sempre escrevi para o *Correio das Artes*. São mais de trinta anos de efetiva colaboração. Na época em que Yó e Cláudio Limeira editavam o *Correinho das Artes*, suplemento infantil, escrevia uma coluna mensal sobre livros para crianças e jovens.

FOTO: ANTÔNIO OLAVO CEREZO



IACYR ANDERSON FREITAS
(poeta)

Quando veio a lume a primeira edição do *Correio das Artes*, em 27 de março de 1949, Carlos Drummond de Andrade ainda não havia publicado *Claro enigma*, um dos marcos líricos da lusofonia no século passado, e João Cabral de Melo Neto era então um poeta promissor, de apenas 29 anos de idade, esteticamente ainda muito distante das obras que o consagrariam nas duas décadas seguintes. Destaquei esses dois grandes nomes da poesia brasileira – dois notáveis colaboradores do suplemento literário de **A União**, ao lado de Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Otto Lara Resende, por exemplo – apenas para colocar em relevo o feito histórico destes 70 anos de existência do referido suplemento. Algo inimaginável, infelizmente, quando observamos a indigência intelectual que volta e meia assombra a nossa Bruzundanga – e que no presente momento parece alcançar níveis alarmantes. Por tudo isso, parabéns à Imprensa Oficial da Paraíba, ao povo da Paraíba, em suma, que soube fazer História com o *Correio das Artes*. Tenho muito orgulho de ser colaborador

deste suplemento desde muito. E fico feliz em constatar que o William Costa é um editor à altura da fabulosa missão que é prolongar – por mais 70 anos, no mínimo, ou por mais 70 vezes 7, como nos lembra o Evangelho – a trajetória de qualidade do *Correio das Artes*.

FOTO: ESPAÇO EXPERIMENTAL/UFPB



GENILDA AZEREDO
(professora e crítica de cinema)

Conheci o *Correio das Artes* quando era aluna do curso de Letras na UFPB. Foi o professor e poeta Sérgio de Castro Pinto – à época meu professor de Teorias da Literatura – quem levou exemplares do *Correio das Artes* para a sala de aula e nos apresentou o suplemento. Através dele, fui conhecendo a habilidade crítica de outros professores da UFPB, a exemplo de Elisalva Madruga, Vitória Lima, João Batista de Brito, Hildeberto Barbosa Filho, Moema Selma d'Andréa, Salette Catão e Sônia Van Dick. De lá para cá, houve muitas mudanças, não apenas quanto à edição e diagramação do suplemento, mas também quanto aos colaboradores e suas contribuições, algo que reflete as políticas dos diferentes editores ao longo dos anos e o processo de ampliação e renovação do processo cultural e da crítica. Percebi a relevância do *Correio das Artes* como aluna, e hoje, como professora e eventual colaboradora do suplemento, costumo repetir o gesto de Sérgio e partilhar com meus alunos as publicações interessantes que o jornal veicula. Creio que quem valoriza a literatura, o cinema e as artes em geral só pode aplaudir a resistência de um suplemento dedicado à visibilidade e divulgação das diferentes expressões artísticas! ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO



BRUNO GAUDÊNCIO

(poeta, professor e historiador)

Não sei exatamente onde encontrei pela primeira vez os exemplares do suplemento *Correio das Artes*, mas imagino que foi na sessão de revistas da Biblioteca Municipal Félix Araújo, de Campina Grande; ou na mesa de periódicos que havia logo na entrada da Biblioteca do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), também em Campina Grande. Essa dúvida se deve ao fato que foi nestes dois lugares que me possibilitaram minha coleção inicial do periódico. Gostava tanto da revistinha que os responsáveis me doavam. Até hoje possuo em meu acervo uns 150 que cuido com muito carinho. O ano deveria ser 2005 ou 2006, quando eu era um iniciante nas letras, um mero estudante de jornalismo que sonhava ser escritor. Foi nas páginas deste antigo periódico, que conheci os nomes que até hoje vem fazendo a boa literatura brasileira contemporânea. Dirigido pelo jornalista e poeta paraibano Linaldo Guedes, foi no *Correio das Artes* que conheci, através de textos, resenhas ou entrevistas, nomes como Sérgio de Castro Pinto, Astier Basílio, Hildeberto Barbosa Filho, Marília Arnaud, Claudio Daniel, Lau Siqueira, W. J. Solha, Antônio Mariano, Vitória Lima, Polábio Alves, Rinaldo de Fernandes, Ascendino Leite, Amador Ribeiro Neto, Maria Valéria Rezende, Ronaldo Monte, Ronaldo Cagiano, e tantos outros que nem lembro mais. Posso afirmar inclusive que fui formado na primeira fase da minha vida literária pelo *Correio das Artes*. Depois vieram os blogs e sites especializados em literatura; as revistas culturais e literárias, como a *Cult*, a *Continente Multicultural*, a *Rascunho*, entre outros. A emoção de ser citado ou publicado pela primeira vez nas páginas do *Correio das Artes* foi grande, quando em 2008 publiquei meu primeiro ensaio. Era sobre o olhar

feminino no teatro de Qorpo Santo. Depois vieram as alusões aos meus primeiros livros lançados, como foi meu primeiro rebento, *O ofício de engordar as sombras*, já na fase de Antônio Mariano, lançado em 2010. De 2008 pra cá já foram mais de uma dezena de textos meus publicados no suplemento *Correio das Artes*, - ensaios, contos, poemas, alguns deles republicados no meu livro *Ensaio, perfis e (quase) memórias*, que saiu pela editora Ideia em 2018. Posso, enfim, afirmar que o *Correio das Artes* possui um papel fundamental em minha vida enquanto escritor, pois possibilitou conhecimento cultural e literário, articulações com escritores e escritoras de todo o país, um espaço agradabilíssimo para publicação.

FOTO: DIVULGAÇÃO



MANOEL HERZOG

(Germano Quaresma, poeta)

Num país que sofre as consequências da proibição de cursos superiores e de letramento da população desde sua colonização, de modo a não liberar o povo, claro que só podíamos chegar a tempos tão infaustos quanto este do Brasil desde o golpe de Estado que destituiu uma presidência eleita pelo povo para encastelar uma quadrilha no poder, referendada por uma súcia de ignorantes. O mau gosto, a estupidez, o culto à falta de cultura e a glamourização da brutalidade é o que se vê hoje em dia no triste Brasil. Num contexto destes, ter um suplemento literário que consegue a façanha de se manter vivo por sete décadas é um sopro de esperança, uma certeza de que, sim, o povo brasileiro é forte, é bom e supera a adversidade, apesar de todo o esforço internacional para nos pilhar. E isso graças a um povo cuja cultura é sua marca fundamental, mormente na região Nordeste, onde não por acaso é

editado o *Correio das Artes*, que tive a honra de integrar, enquanto colaborador, a convite do grande poeta Sérgio de Castro Pinto. É motivo de júbilo se manter viva e atuante uma publicação deste porte.

FOTO: DIVULGAÇÃO



FRANCISCO GIL MESSIAS

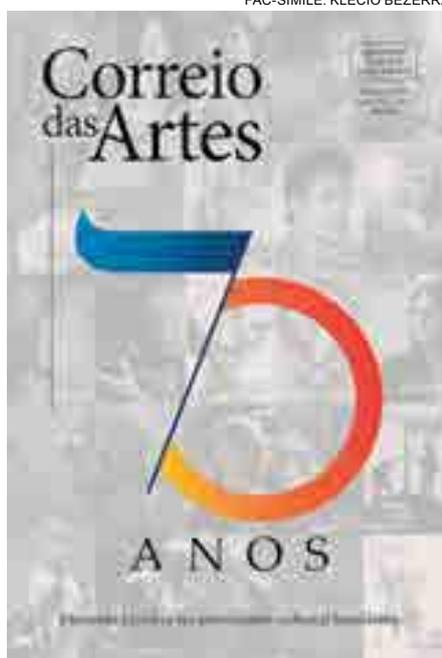
(escritor)

Setenta anos. É muito tempo para um suplemento cultural de um jornal. É muito tempo até para um jornal em si mesmo, levando-se em conta a experiência brasileira de tantos empreendimentos jornalísticos malogrados. É, portanto, uma vitória, um grande feito esse aniversário de 70 anos de vida do *Correio das Artes*, de **A União**. Ambos, suplemento e jornal, incorporaram-se já ao patrimônio cultural paraibano, sendo hoje partes e atores de nossa história, sem os quais seríamos mais pobres do que somos. Se olharmos para trás, quantos talentos literários revelados pelo *Correio das Artes*. Quantos valores que talvez não tivessem florescido não fossem a oportunidade e o acolhimento oferecidos pelo suplemento a tantos paraibanos. E quando se vê as limitações dos jornais impressos sobreviventes em nosso Estado, é de se perguntar: onde publicar, na Paraíba, um texto literário de maior fôlego, além das restritas trinta linhas regulamentares? Sem falar na publicação de poemas, esse biscoito fino para paladares refinados, totalmente inviável na mídia impressa tradicional. O *Correio das Artes* é provavelmente o grande benemérito cultural paraibano. Merece, pois, nos seus setenta anos de rica existência, as maiores homenagens, públicas e privadas. E que, a despeito das dificuldades, continue, pelo tempo afora, pela mão de seus dirigentes e colaboradores, sua obra insubstituível e inigualável. ■

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras e mora em João Pessoa (PB). Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Lançou, entre outros livros, *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* (poesia) e *O nirvana do Eu* (ensaio). E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.



Veja capas de vários momentos do *Correio das Artes*. Baixe um leitor de QRCode em seu smartphone para ter acesso a este conteúdo exclusivo.



FAC-SÍMILE: JOAQUIM IDEÃO



Diversas edições do *Correio das Artes* foram ilustradas por artistas plásticos paraibanos

Escola de artes plásticas

André Cananéa
andrecananea2@gmail.com

Há 70 anos, o *Correio das Artes* vem sendo a régua e o compasso de muitos artistas. Artista, curador e pesquisador de arte, Dyógenes Chaves enxerga no tradicional suplemento do jornal **A União** uma escola para muita gente. “Muitos jornalistas costumam dizer que o *Correio das Artes* foi uma escola de texto para eles, mas o suplemento também foi uma escola para muitos artistas plásticos”, afirma.

Na avaliação de Dyógenes - que em 1993 chegou a reunir trabalhos de ilustradores e fotógrafos que já passaram pelo jornal **A União** e, conseqüentemente, pelo *Correio das Artes*, em uma mostra temática no Espaço Cultural -, praticamente todos os grandes artistas visuais do Estado publicaram algum desenho, vinheta ou pintura no suplemento de arte e cultura do mais antigo jornal do Estado, fundado em 2 de fevereiro de 1893.

A lista é imensa e ombréia com a importância do suplemento. Raul Córdula, Archidy Picado (1937-1985), Ivan Freitas (1932-2006), Flávio Tavares, Hermano José (1922-2015) e até Tomás Santa Rosa (1909-1956), que empresta seu nome ao teatro mais antigo de João Pessoa, são alguns dos nomes que deram forma e cor às páginas do *Correio das Artes*.

Para se ter uma ideia, a primeira edição do suplemento, que circulou em 27 de março de 1949, trazia desenhos e reproduções de José Pancetti, Hélio Feijó e Augusto Reynaldo, além dos citados Santa Rosa e Hermano José. Um timaço de ilustradores. ▶

VITRINE PARA OS ARTISTAS

Dyógenes Chaves também lembra que, nessa época, décadas de 1950 e 1960, as galerias não eram comuns e as páginas do *Correio das Artes* funcionavam como vitrine para muitos artistas locais. “Era um espaço nobre”, resume. Olhando hoje em retrospecto, os antigos cadernos registram o traço e, em alguns casos, a evolução de muitos artistas que hoje são mundialmente consagrados.

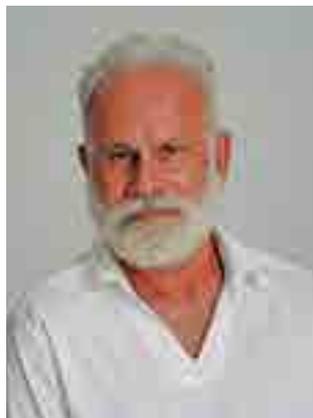
Na avaliação do pesquisador, artistas como Raul Córdula e Archidy Picado davam expediente, ilustrando diuturnamente as páginas do *Correio* e também de *A União*. “Essa produção reflete muito a obra deles naquela época”, pondera.

A história de Raul Córdula Filho com o *Correio das Artes* começa numa espécie de interlúdio da publicação. O suplemento havia parado de circular quando o poeta Vanildo Brito (1937-2008), um dos líderes do movimento de poesia conhecido como Geração 59, propôs a retomada do caderno.

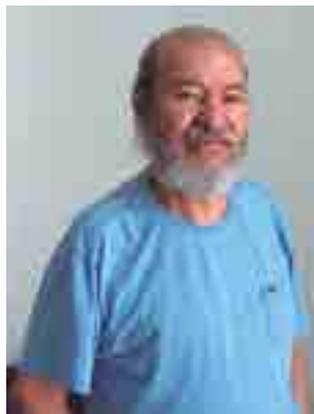
Raul tinha de 16 para 17 anos e estava no comecinho da carreira, mas já havia se entrosado com aquela turma de poetas que faria história nas letras na Paraíba na virada dos anos 1950 para 1960, desenhando os cartazes para uma das primeiras mostras do grupo. “Foram as minhas primeiras ilustrações”, confidencia Raul, 60 anos depois.

Com a iniciativa de Vanildo e uma forcinha do Raul Córdula pai, que era uma espécie de secretário estadual de Cultura na época, o *Correio das Artes* voltou rebatizado como *A União nas Letras e nas Artes*. O suplemento passou a ser semanal e era conduzido pelo poeta e pelo ilustrador, que todas as sextas-feiras se encontravam para fechar a edição e planejar a próxima, concluindo o expediente com um *happy hour* na antiga Churrascaria Bambu, no Parque Solon de Lucena (Lagoa).

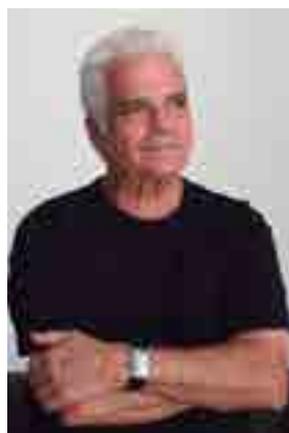
Debruçados em meio ao



Dyógenes Chaves afirma que o Correio das Artes já funcionou como uma espécie de galeria para muitos artistas locais



Raul Córdula diz que o Correio das Artes e a Rede Globo foram as suas duas escolas de produção gráfica



Flávio Tavares começou a desenhar para o Correio das Artes nos anos 70, ilustrando textos com bico de pena

chumbo e as linhas da gráfica, eles compunham o *A União nas Letras e nas Artes*. “Era tudo muito simples e ninguém era empregado. A gente fazia tudo de graça e vibrava quando saía uma edição”, recorda o artista, antes de arrematar: “Eu fui mais influenciado pelo Caderno B (suplemento de cultura do diário carioca *Jornal do Brasil*) do que

qualquer outra coisa. Para você ter uma ideia, o caderno era diagramado por Amilcar de Castro (escultor e artista plástico que revolucionou a diagramação de jornais no Brasil)”.

A habilidade de ilustrar e diagramar dos artistas que passaram pelo *Correio das Artes* é, na visão de Dyógenes, fruto dessa escola que ele mencionou no começo desta reportagem. “Quando a gente fazia um catálogo, ou um folder, a programação era feita em *A União* pelo próprio artista. Não existia essa figura do designer gráfico, que é comum hoje. Então o artista, ele mesmo, levava o layout pronto para fazer o folder. Isso era algo raro, porque o artista plástico era o artista que apenas compunha a obra. Era como um escritor que também faz revisão e o projeto gráfico do livro”, compara Dyógenes.

“O *Correio das Artes* e a Rede Globo foram as minhas duas escolas”, revela Raul Córdula, que foi cenógrafo na empresa de televisão. “Não chegaram a ser uma escola de arte, mas uma escola de produção. Ainda hoje, eu sou mais artista gráfico do que pintor, embora toda a minha obra seja pictórica. E acho que isso foi fundamental, não só para mim, mas também para Archidy (Picado)”, acrescenta.

Parte da lição do *Correio das Artes* também foi absolvida pelo jovem Deodato Borges Filho. Em 1987, ele ainda não era o mundialmente conhecido Mike Deodato, o famoso desenhista de super-heróis da editora Marvel, mas já demonstrava, tanto nas páginas do *Correio*, como também de *A União*, os traços que viriam a consagrar o desenhista paraibano como um dos mais destacados do mundo.

“Eu lembro de ter trabalhado por lá revezando como paginador/diagramador e ilustrador”, recorda Mike Deodato sobre sua passagem pelo jornal. “Na época, eu publicava em pequenas editoras, como a Press, Vecchi, Maciota. Estava há um ano de casar pela primeira vez e a grana era escassa. Era uma época de dificuldades mas tinha muita gente boa no jornal. O *Correio das Artes* era sempre tratado com o maior carinho por todos os editores”, comentou. ▶

IMAGEM E LEITURA

Como os jovens artistas do começo dos anos 1960, a arte de Raul Córdula era meio modernista, meio regionalista. Nas páginas do jornal, ele desenhou ilustrações com bico de pena que casavam com textos dos poetas da Geração 59: “Conheci Vanildo, Clemente Rosas Ribeiro, Jomar Souto, José Bezerra Cavalcanti, José Cabral, Jurandy Moura, a turma toda...”

Esse contato estreito entre poetas e artistas plásticos tornava as ilustrações do *Correio das Artes* ainda mais valiosas, de acordo com Dyógenes Chaves. “Esse entrosamento entre a ilustração e a poesia, naquele tempo, era fundamental a ponto de você poder associar que desenho tal foi feito para o poema de Jomar Souto, por exemplo”, conta o curador, para concluir: “É diferente de hoje: nem o artista, nem muito menos o poeta, têm uma interação como naquele tempo. E é por isso que eu acho que a ilustração daquele tempo era uma obra-prima”.

Para Dyógenes, em meados dos anos 1960, havia uma saudável interação entre artistas dos mais

diversos seguimentos. “Na época da Geração 59, os artistas não viviam em guetos como vivem hoje, quando a gente vê a turma da música de um lado, do cinema, do outro, das artes plásticas de um outro... antes eram todos juntos e misturados. Então era muito comum a troca de experiências”.

Flávio Tavares era outro que se valeu da interação para transformar, em arte, os textos dos poetas que escreviam para o *Correio das Artes*. Ele começou a desenhar para o *Correio* nos anos 1970, mais ou menos quando entregava o imenso painel que concebeu para a Assembleia Legislativa do Estado.

Nas páginas do suplemento, ilustrou muitas crônicas, artigos e poemas, com trabalhos feitos com bico de pena, todos exclusivos. “Ilustrei textos de Aldo Lopes, Lúcio Lins, Jomar...”, vai puxando os nomes da memória, recordando que com muitos deles, como Sérgio de Castro Pinto, costumavam conversar para extrair ideias para o desenho.

Com Flávio, a chegada ao *Correio das Artes* também foi algo de pai para filho. “Meu pai chegou a desenhar para o *Correio das Ar-*

tes, fez uns bicos de pena”, revela, referindo-se ao médico Arnaldo Tavares, artista nas horas vagas que chegou a desenhar vinhetas para o suplemento na virada dos anos 1940 para os 1950.

Nas páginas do *Correio das Artes*, Flávio imprimiu muitos desenhos que fez retratando o Centro Histórico de João Pessoa, sobretudo a região conhecida como Varadouro, cuja história ele foi se aprofundando justamente através das leituras do suplemento. “Foi no *Correio das Artes* que tive contato com a história de João Pessoa, com o cotidiano romântico da cidade, e isso certamente exerceu uma influência no meu trabalho. Até hoje eu desenho o Varadouro”, revela.

Entre os trabalhos mais significativos que Flávio Tavares deixou impresso no *Correio da Artes* está a Festa das Neves e a Igreja de São Francisco, que teve a oportunidade de revisitar, através de sua atuação no suplemento, diversas vezes. “Fiz uma capa com a Festa das Neves, certa vez, e fiz um desenho enorme para (um texto de) Gonzaga Rodrigues que guardo até hoje”.

ILUSTRADORES ATUAIS JÁ ESTÃO NO SUPLEMENTO HÁ 40 ANOS

Domingos Sávio e Tônio são os dois ilustradores atuais do *Correio das Artes*. A história do suplemento praticamente se confunde com a dos dois artistas paraibanos, que colecionam décadas de desenho nas páginas de *A União* e seus suplementos.

Domingos, hoje com 59 anos, começou a ilustrar *A União* em 1977, aos 17 anos de idade. Seu traço aparecia no suplemento infantil *O Pirralho*, onde desenhava tiritinhas e quadrinhos. Depois de sair para servir ao Exército, retornou em 1980 para ser efetivado nos quadros da hoje Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Lotado no setor de Artes da empresa, acabou atraído naquele mesmo ano para o *Correio das Artes* através de outro artista, Fred Svendsen. “Ele colaborava com o *Correio das Artes* desenhando as capas, e me influenciou”, comenta.

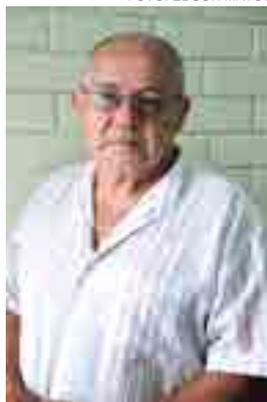
O artista, natural de Caiçara, estreou no *Correio das Artes* ilustrando um conto do jornalista e escritor Marcos Tavares. O sucesso do desenho foi tanto que a partir daí, ele passou a ser exclusivo do suplemento, tanto como chargista, quanto ilustrador. “São 39 anos de folia no coração”, brinca, parodiando Alceu Valença.

Fã do Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna (1927-2014), Domingos Sávio vem impri-

mindu um tom regionalista em sua obra ao longo desse tempo. Membro fundador do Clube da Gravura da Paraíba, ele diz que não tem predileção por ilustrar um gênero literário específico: “É o que o editor mandar”, avisa.

Ele costuma receber o texto e criar uma ilustração a partir da sua própria percepção. “O mais gratificante para a gente é quando o editor chega e mostra e-mails que ele recebeu do autor (do tex-

FOTO: EDSON MATOS



Tônio: “Eu era autodidata e *A União* foi o meu primeiro emprego. Aprendi tudo aqui”

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Sávio estreou no *Correio das Artes* ilustrando um conto do jornalista e escritor Marcos Tavares

► to), parabenizando pela ilustração”, confidencia.

Da imensa produção que ele deixou impressa até aqui, Sávio destaca umas capas que ele fez para algumas edições do *Correio das Artes* que circularam nos anos 1990. “Elas foram feitas com lápis de cor aquarelável, apesar que eu também gosto dessas capas produzidas no Photoshop”, entrega.

Quando Dyógenes Chaves diz que o *Correio das Artes* foi uma escola, é porque ela foi mesmo. Domingos Sávio concorda: “Eu evolui muito no traço, e sobretudo do enxugamento do traço, pois no começo, eu pegava ilustração e queria fazer quase tudo que tinha no texto. O trabalho ficava redundante. Com o tempo, fui aprendendo a enxugar o traço e deixar apenas uma insinuação”.

Foi escola também para Antônio Gonçalves de Sá, o Tônio. Afinal, foi em **A União**, na mesa

do setor de Artes, ilustrando tanto o jornal quanto o *Correio das Artes* e capas de livro da editora, que o artista, nascido em Santa Rita (PB), há 66 anos, deslançou sua carreira.

Ele tinha 22 anos quando chegou à atual EPC. Tímido, como o é ainda hoje, gostava muito de histórias em quadrinhos, dos clássicos *Tarzan* e *Ken Parker* aos gibis de horror da *Kripta*. Foram essas revistas que deram rumo ao aprendiz de desenhista. “Eu era autodidata e **A União** foi o meu primeiro emprego. Aprendi tudo aqui”, confidencia, hoje.

Tônio ingressou na empresa a convite do jornalista Marcos Tenório, então editor do suplemento *O Pirralho*. Alguns anos depois, teve contato com o multimídia Milton Nóbrega (1944-2015), um dos mais importantes nomes do hoje chamado design gráfico. “Aprendi um bocado

com ele, a diagramar, fazer logotipo. Foi um grande professor”, sentença o ilustrador.

Essas aulas de Milton iriam servir mais na frente, quando ele se tornou um único ilustrador do jornal e praticamente fazia toda a parte gráfica do *Correio das Artes*, do layout às ilustrações.

Hoje, Tônio pode ser encontrado diariamente na redação de **A União**, sempre debruçada sobre a prancheta, onde cria os desenhos que irão para a edição do dia seguinte, e os que serão impressos no *Correio das Artes*. “A minha dificuldade sempre foi com poesia. Tanto que hoje, as poesias vão para Domingos (Sávio) ilustrar, que tem mais facilidade do que eu. Eu pego crônicas e contos”, confidencia o artista, cujo traço envereda pela arte naïff e vez ou outra encontra inspiração nos gibis de ficção científica e terror que ele tanto gostava.

OS DESAFIOS GRÁFICOS DO CORREIO

Paulo Sérgio Azevedo é o supervisor gráfico do *Correio das Artes* desde 2011. Para ele, o suplemento também foi uma escola. “O *Correio das Artes* é um veículo de cultura que faz parte do meio cultural e jornalístico há 70 anos. Faz parte de um veículo de informação que é o terceiro mais antigo do Brasil e já teve em seus quadros grandes literatos e poetas da intelectualidade paraibana, sendo sempre um marco inovador na formação da opinião. Estou extremamente lisonjeado em estar, hoje, compondo de forma ainda que pequena este imenso celeiro de expoentes da literatura da Paraíba”, afirma.

Atuando no mundo gráfico desde 1973, ele diz que começou “junto com a maior revolução no jornalismo impresso do Nordeste”. “O jornal *O Norte*, naquele ano, tornava-se o primeiro jornal off-set do Nordeste. Uma conquista desbravadora de Marconi Góes. Tudo era novidade: as fotocompositoras de textos, a fotolitografia de páginas montadas em cartolina, não mais se usavam na composição das páginas, o chumbo, as galés e o indefectível linotipo”, recorda.

Ele conta que, com a curiosida-



Paulo Sérgio é responsável pela diagramação, editoração e supervisão gráfica do *Correio das Artes*, desde 2011

de típica da juventude, foi descobrindo “a poesia de se fazer jornal com todas as suas nuances”, e se apaixonou pela arte de desenhar de forma agradável, não raras vezes uma notícia dramática.

“Passei por todas as fases seguintes à revolução imposta pela tecnologia que avançava a passos largos. Desempenhei, nesta revolução, várias funções na cadeia

produtiva. Toda essa formação gráfica teve início com a observação e conselhos de Lourival Ribeiro, chefe gráfico oriundo das velhas oficinas de *O Norte*. Lourival, como eu, levitou no limbo entre o tradicional e o inovador”, comenta, antes de concluir: “O *Correio das Artes* e a parceria com William Costa veio como complemento a uma amizade que já transcorria há alguns anos e tive a satisfação de atender ao apelo e à confiança do editor”.

Para Paulo Sérgio, o maior desafio do suplemento nos dias de hoje é tornar a leitura agradável, com um apelo visual estético atual e ilustrado. “A essência gráfica não é de minha autoria. Fiz apenas algumas adaptações sobre o projeto original de Cícero Félix”, pondera.

Ainda segundo ele, a concorrência do impresso com o mundo digital atual vai muito do apelo do leitor tradicional, que concentra o gosto de ler bons textos com o inominável prazer de folhear as páginas, sentindo o cheiro da tinta e o tato do papel na ponta dos dedos. “Você não tem isso lendo no Kindle, por exemplo, mesmo que sejam bons textos”, arremata. ■

André Cananéa é jornalista. Atuou nos jornais *Correio da Paraíba*, *O Norte* e *Jornal da Paraíba*, colaborou com os jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil* e com os portais Terra.com e Globo.com. Foi colunista de cultura pop e cinema da rádio CBN João Pessoa e esteve à frente, por duas temporadas, do programa de entrevista *Segundo Caderno* da TV Câmara de João Pessoa. Atualmente é repórter de **A União**. Mora em João Pessoa (PB).

Arquivo:

PRESERVANDO O

Correio das Artes

PARA OS LEITORES DO
PRESENTE E DO FUTURO

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

O Arquivo do jornal **A União**, que se localiza no Distrito Industrial, na cidade de João Pessoa, não guarda em suas prateleiras apenas a coleção histórica do diário, fundado em 2 de fevereiro de 1893 pelo então presidente da Província, Álvaro Machado, e que, em 2017, passou a ser reconhecido como Patrimônio Cultural da Paraíba, conforme a Lei 10.937, de 12 de julho de 2017, de autoria do deputado João Bosco Carneiro Júnior (PSL) - aprovada pela Assembleia

Legislativa e sancionada pelo então governador do Estado, Ricardo Coutinho (PSB). Em seu acervo também existe uma outra preciosidade que é um orgulho para a cultura paraibana: as edições do premiado *Correio das Artes*, criado no dia 27 de março de 1949 pelo poeta e jornalista pernambucano Edson Régis. Durante esta trajetória do suplemento - que completa, em clima festivo, 70 anos de existência neste mês, ocasião em que passa por um processo de digitalização - uma das grandes contribuições do suplemento foi valorizar os autores locais iniciantes, colocando-os ao lado daqueles já consagrados, que também recebem o merecido destaque no suplemento. E, ainda, tal longevidade permitiu que os funcionários que trabalham no setor criassem um laço afetivo com essa publicação de literatura e artes - agora em formato de revista - cuja periodicidade é mensal. ▶



FOTO: ROBERTO GUEDES

João Pereira confessa que sente muito prazer em contribuir para preservar o Correio das Artes



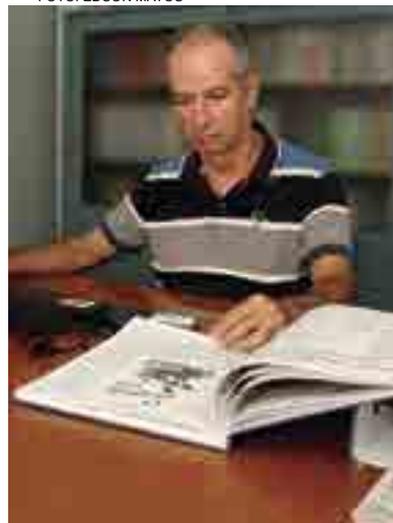
Ana Flor encantou-se com o Correio das Artes quando foi trabalhar no Arquivo

FOTO: MARCOS RUSSO



Para José Ramos, "não tem outra publicação sobre literatura igual ao Correio das Artes"

FOTO: EDSON MATOS



O fotógrafo Roberto Guedes encarou o desafio de digitalizar o Correio das Artes

► O *Correio das Artes* é publicado sempre no último domingo de cada mês, encartado, para os assinantes, como revista em **A União**. O exemplar avulso é vendido, nas bancas e representantes, a R\$ 6,00. Mas, anteriormente, o formato era de tabloide. O Arquivo é o setor responsável por organizar, acondicionar e preservar o suplemento. No local estão os primeiros exemplares desse suplemento, cujo período compreende do primeiro número, publicado em 27 de março de 1949, até 1950. Os exemplares lançados nesses dois anos foram digitalizados em 2016, durante a primeira etapa do processo que, na ocasião, abrangia os jornais da década de 1930. E, a partir do mês de junho de 2018, quando o fotógrafo Roberto Guedes ingressou no Arquivo do jornal, o trabalho de digitalização do suplemento passou a ter continuidade, agora por meio de fotografias e para transformá-las em arquivo PDF.

No intuito de realizar o projeto de digitalização, foi necessário, antes, que as arquivistas Ana Flor e Luzia Lima iniciassem um trabalho de pesquisa para localizar os exemplares do *Correio das Artes* que estão encartados no jornal **A União**, cuja maioria dos números foi feita como coleções “encadernações”. A partir da conclusão desta tarefa foi possível, então, fazer um levantamento dos exemplares existentes no Arquivo e dar início ao processo de digitalizar todo o acervo. Com isso, os exemplares que estavam soltos e encadernados começaram a ser digitalizados e, até o momento, foram feitos, abrangendo o período de 1975 a 1991, um total aproximado de três mil imagens, que passaram por tratamento e foram convertidas em arquivo PDF para melhor visualização dos usuários.

“Foi uma satisfação conhecer o *Correio das Artes*. Só soube desse suplemento quando vim trabalhar no Arquivo do jornal **A União**. Fiquei encantada com seu conteúdo e, com isso, quis trabalhar em cima

de sua preservação e divulgação”, confessou a arquivista Ana Flor, que foi contratada em 2014. “Na preservação utilizamos a digitalização para diminuir o uso dos exemplares físicos, principalmente os antigos, que foram impressos em papel jornal e muitos estão fragilizados. Para aumentar a preservação foram confeccionadas caixas apropriadas para acondicionar os exemplares antigos e, assim, aumentar sua vida útil”, prosseguiu ela.

Diante de tamanha importância do *Correio das Artes*, cujo atual editor é o jornalista William Costa, a arquivista Ana Flor não se limita apenas a cuidar da preservação do acervo. Aliada àquela tarefa, também é realizado o trabalho de divulgação não apenas do suplemento, como também do próprio diário. “Estamos sempre entrando em contato com professores de universidades para promover ações culturais e educativas para o meio acadêmico e a população em geral, para que possam conhecer o rico acervo do jornal **A União**”, comentou ela.

O fotógrafo Roberto Guedes também não esconde a satisfação de estar realizando o trabalho de digitalizar o *Correio das Artes*. “Para mim foi um desafio, porque tive que desenvolver ferramentas para realização desse projeto, como o fixador de câmera, iluminação artificial para evitar sombras, tudo isso para capturar uma imagem de qualidade. Com as imagens feitas”, prosseguiu ele, “a seguinte etapa é o tratamento de cada uma, sua conversão em arquivo PDF e a catalogação desse acervo para facilitar e otimizar a pesquisa”.

Outros funcionários que trabalham no Arquivo de **A União** há mais tempo também desenvolveram uma relação afetiva com o suplemento literário e de artes. “Para

mim tem sido um prazer estar contribuindo para preservar os exemplares do *Correio das Artes*”, confessou João Pereira, que trabalha há cerca de 15 anos no setor, onde presta atendimento ao usuário e também ajuda na organização do acervo do jornal. “Tenho apreço por esse trabalho porque os exemplares vão continuar preservados para as próximas gerações, sobretudo com o trabalho de digitalização”, disse ele. “Para os pesquisadores que procuram as edições do *Correio das Artes* mais antigas, essa digitalização vai facilitar a pesquisa no próprio setor. Desde 2003 o *Correio das Artes* vem sendo publicado em formato de revista. Os exemplares são separados mensalmente e, ao final do ano, são encaminhados para encadernação. Com isso, a pesquisa se torna mais eficiente”, concluiu o funcionário.

Servidor que trabalha no Arquivo de **A União** há 29 anos, José Ramos também possui uma relação carinhosa com o *Correio das Artes*. “O suplemento em forma de revista é querido não apenas pelos adultos, mas também pelas crianças. A minha pirralha, que tem 8 anos, fica encantada com os desenhos que ilustram os exemplares e que são produzidos por Tônio e Domingos Sávio”, garantiu ele. “Não tem outra publicação sobre literatura igual a esta”, prosseguiu o funcionário, que se sente satisfeito em contribuir para a preservação desse acervo. Prova de tamanho apreço é que, por exemplo, Ramos registrou fotograficamente os primeiros números e guarda os exemplares originais para evitar que se danifiquem pelo manuseio. ■

Guilherme Cabral é jornalista, com larga folha de serviços prestados ao jornalismo paraibano. Atualmente, é repórter de Cultura de **A União**. Mora em João Pessoa (PB).

REPERCUSSÕES ACADÊMICAS DO *Correio das Artes*

Sandra Raquew Azevedo
Especial para o *Correio das Artes*

Quando o editor do *Correio das Artes*, William Costa, me questionou recentemente sobre a repercussão acadêmica do *Correio das Artes*, lembrei imediatamente de dois dos meus professores de jornalismo, Hildeberto Barbosa Filho e Wellington Pereira, que foram responsáveis por levar o jornal aos estudantes de Comunicação Social em minha época de graduação. Acredito que em tantos outros momentos, a voltar o olhar para este suplemento literário. Ambos escritores e atuantes na vida literária da cidade de João Pessoa sempre fizeram do *Correio das Artes* uma referência para nossa formação profissional.

Acredito que o cotidiano de construção do suplemento se relaciona, e muito, com o universo acadêmico, tendo em vista que nas universidades da Paraíba e em outras instituições de ensino superior do País têm florescido trabalhos a partir do *Correio das Artes*, e tomando como foco de análise o suplemento. É importante que se diga que não apenas como fonte historiográfica, levando em conta a trajetória de 70 anos de existência e o que isso representa em termos de memória e conhecimento em diferentes áreas.

É necessário ressaltar que ao longo desse tempo fecundo de existência, o *Correio das Artes* tem sido um locus do pensamento so-

cial paraibano acolhendo muitos debates do cotidiano do Estado, e também da vida literária e artística do país. Não surpreende o fato de numa breve pesquisa encontrarmos trabalhos de graduação e pós-graduação que dão a dimensão da inserção social dele e sua densidade na área acadêmica.

Um dos trabalhos mais recentes que encontramos é o de autoria da jornalista Beth Olegário, que realizou sua dissertação “Imaginário impresso e caracteres culturais: uma análise das narrativas do suplemento literário *Correio das Artes* na década de 1940”, sob orientação do professor Wellington Pereira. A escritora problematizou como o *Correio das Artes* contribuiu para a formação de um imaginário social da capital paraibana.

A área acadêmica tem particularmente se dedicado em realizar alguns estudos mais analíticos com base no *Correio das Artes*, a exemplo também da pesquisa do escritor Tiago Germano sobre “O *Correio das Artes* e a Bipolaridade Discursiva no Modernismo na Paraíba”, sob orientação do crítico literário Hildeberto Barbosa Filho. Foi tentando mapear alguns desses trabalhos que descobri que existiram alguns suplementos infantis que faziam parte desse universo literário, a exemplo de *O Pirralho*, que foi tema de pesquisa realizada pela jornalista Márcia Dementshuk, em sua dissertação “Ressonância: estudo dos suplementos jornalísticos para crianças”, trabalho orientado pela docente Joana Belarmino.

Além do Jornalismo, existe no campo literário trabalhos relevantes, alguns que se debruçam sobre a Geração de 59, movimento artístico que surge na capital paraibana, liderado por Vanildo Brito, à época, editor do *Correio das Artes*. Movimento que mobiliza escritores, artistas plásticos, músicos, cineastas, teatrólogos, atores e atrizes, jornalistas. Sobre a Geração 59 lembramos os trabalhos de Raúl Córdula, *Pequena Memória da Geração de 59* (publicado em **A União**), e o livro do poeta Sérgio Castro Pinto, *O Caos e a Neblina: Vanildo Brito e a Geração de 59* (Editora Ideia, 2011).

Lembramos também da dissertação “A arte segundo Ariano Suassuna: intermedialidade e a poética armorial”, de Daniella Carneiro Libânio, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, e também do mapeamento realizado pelo estudante da Universidade Estadual da Paraíba, Fábio Santiago de Souza Júnior, sobre os arquivos de **A União**, e a relevância de seu acervo.

Evidentemente há muitos outros trabalhos relevantes no universo universitário e fora dele que poderiam ser citados aqui, por suas contribuições ao tomar como fonte o *Correio das Artes*, ou a partir dele construir uma reflexão não apenas sobre a literatura mas a vida social. Infelizmente pela restrição no tempo de pesquisa, um escopo significativo ficou de fora destas linhas.

O que nos estimula a seguir pesquisando, mapeando, e mais ainda, reconhecendo as contribuições valiosas deste suplemento na formação humana, na construção do imaginário sobre o cotidiano da cidade, sobre a problematização de temas de relevância social, de embates literários, de visibilização de diferentes formas de escrita, e de construção de novas oportunidades para escritores que estão dando os primeiros passos, e também reconhecimento e consolidação da obra de nossos autores e críticos de arte. ◀

Sandra Raquew Azevedo é professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Iacyr Anderson Freitas

Vale quanto lesa

do minério
 não se inclui
 no peso bruto
 glebas & glebas
 de luto

rios que morreram
 no curso
 de um minuto

vales vilas vidas
 como insumos
 ou meros
 acidentes
 de percurso

com zeros
 muitos zeros
 à direita do lucro

& o que resta
 – um cemitério
 devoluto

(mero
 acidente
 de percurso?)

grandes açougues
 de azougue
 pelas frestas

rios defuntos
 de defuntas
 florestas

(uma hecatombe
 a cada monte)

& o peso bruto
 dessas mortes
 em conluio

com os zeros
 à direita
 sempre à direita

do lucro

(este
 que prospera
 com as mortalhas
 que entrega

& muito medra
 com os crimes
 que nega)

este
 senhores
 o lucro
 : para o qual
 não existe
 corpo insepulto : o lucro

o único
 (embora sujo
 de lama & luto
 embora mito)

o único o único
 (oh perdoai
 se vos repito)

o único
 impoluto

(juiz de fora, mg / 21.fev.2019)

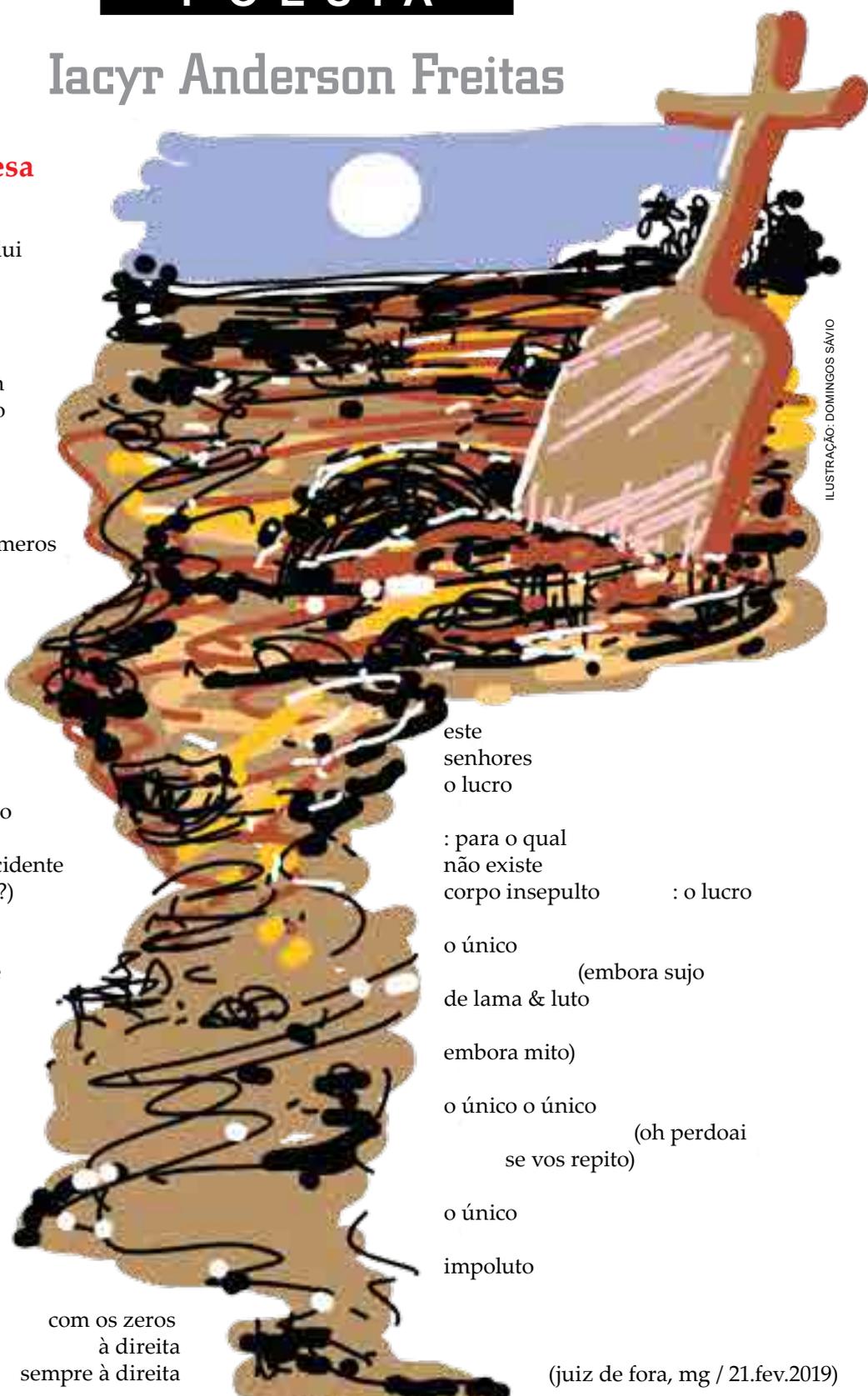


ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Iacyr Anderson Freitas nasceu em Patrocínio do Muriaé (1963) e mora em Juiz de Fora (MG). Desde 1982, publica livros de poesia, ensaio literário e prosa de ficção, com os quais arrebatou prêmios nacionais e internacionais, entre eles, o Casa de las Américas (2005), com o livro de contos *Trinca dos traídos* (Nankin Editorial, em parceria com a Funalfa Edições, 2004).



Volver a los diecisiete

Naquele dia em que saiu da rodoviária, deixando para trás a menina das ligas camponesas, Beto estacionou o carro numa rua qualquer, acendeu um cigarro e andou a pé: andar fumando poderia ser uma maneira de recuperar a alma, quem sabe, numa esquina, invisível como são invisíveis todas as coisas que não fazem sentido. Ser abandonado por aquela menina o deixava assim: num sem sentido, um corpo sem alma, uma xícara de ex-café esquecida num batente de calçada.

Ao dobrar uma esquina, Beto olhou para cima e viu, numa varanda do segundo andar de um prédio, um dorso nu muito branco de um homem de cabeça igualmente branca, afastando algo para perto de uma mulher. Da mulher, supostamente sentada, Beto só viu a cabeça, prateada e reluzente. Quando o homem sentou, a imagem iluminada artificialmente lembrou uma gangorra: duas pontas brancas unidas pelo parapeito.

Beto poderia ser um escritor, um ficcionista, pois tinha essa mania de ver pessoas por aí e já ir criando histórias sobre elas. Viu a dos dois velhinhos e pensou na menina das ligas camponesas, que acabou de partir para nunca mais. Definiu aquela cena em sua

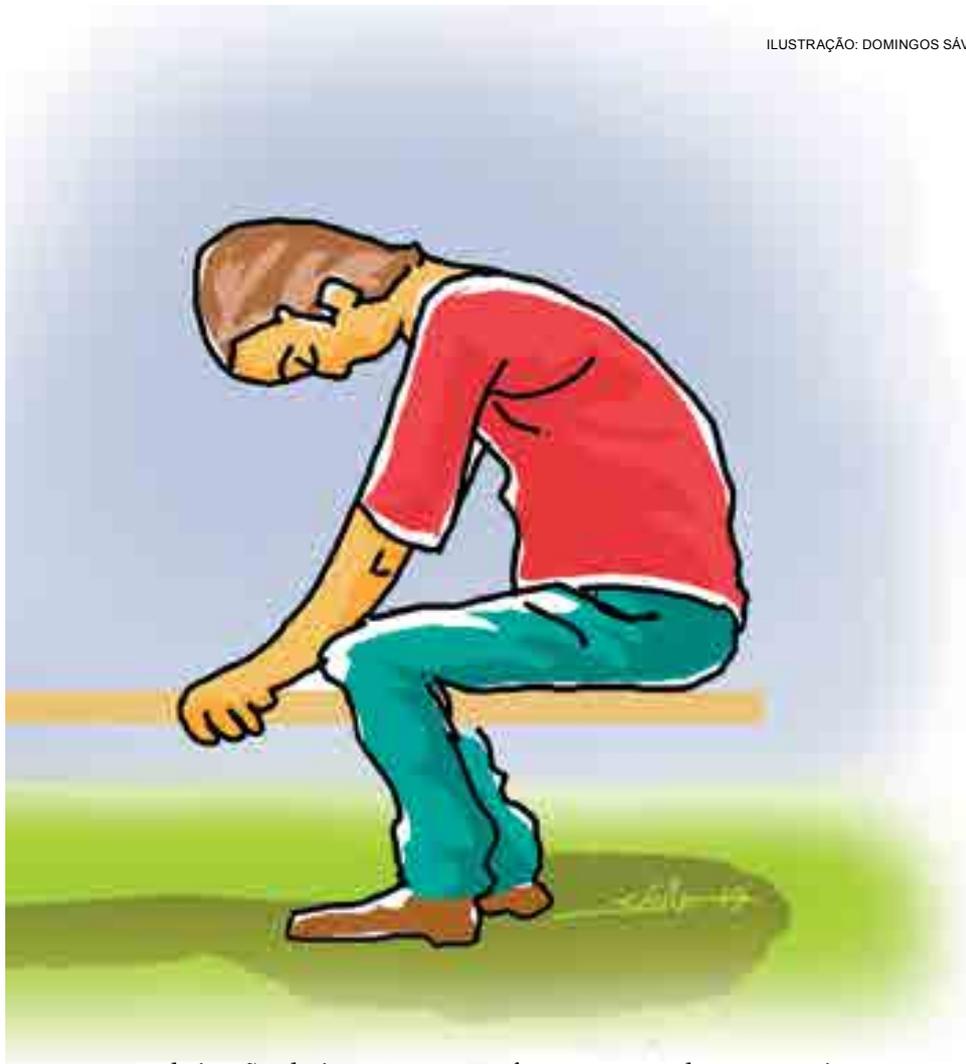
imaginação como uma gangorra paralisada suspensa no ar em linha reta, em que dois velhinhos se veem sem chão nos pés, numa espécie de prestação de contas da vida. Olhou para o casal e pensou no tempo e na velhice como se uma coisa não prescindisse da outra. Viu, naquele casal de cabecinhas branquinhas, num tempo futuro, a si próprio e a menina das ligas camponesas.

Ela: Ele não tinha o direito de estragar a minha vida daquela maneira, fazendo da frente da minha casa um muro de lamentações, chorando, implorando para que eu largasse tudo, largasse a luta pela terra, para viver com ele. Aquilo foi um inferno, pois fraquejei diante das implorações e daquele olhar inebriante.

Ele: Volto agora a um tempo em que eu acreditava numa espécie de liberdade, do amor pleno, pela humanidade. Não esse amor egoísta, mesquinho e possessivo e que hoje, no fim das nossas vidas, contrariando nossos parâmetros de nossa mais linda juventude, nos cobramos. "Solo el amor con su ciencia nos vuelve tan inocentes". Você voltou para ele porque você era livre.

Ela: Eu defendia a ideia de que tínhamos a

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



► obrigação de inventar novas formas de relação, que não tinham nada a ver com casamento, essa instituição pequeno-burguesa já falida naquela época. Mas, e como você diz, contrariando nossos parâmetros de nossa mais linda juventude, casei com uma pessoa estranha a mim, cuja ideologia eu abominava, e vivi casada por décadas, dentro das convenções pequeno-burguesas. Talvez este seja o maior problema que vivemos hoje: a contradição entre o que pensamos e como agimos. Nossa geração falhou em algum ponto e precisamos fazer a mea culpa, para aliviar um pouco nossa consciência. Não fizemos a tão sonhada reforma agrária. Como colher o fruto, hoje, daquilo que não conseguimos plantar, um dia?

Ele: Eu tinha uma ideia parecida com a sua: de que a amizade, superior ao amor, deveria ser o fio inexorável de ligação

entre duas ou mais pessoas que se propõem a viver juntas. E que sua solidez, ao contrário do que se vive sob o nome de “amores líquidos”, dependeria também do tempo, essa categoria que existe à nossa revelia. O tempo passa, o arrependimento mata e me sinto morrendo desde os meus dezesseis anos, não porque fui um sonhador, um convicto numa utopia, que acabou por se perverter, mas porque, ao fim e ao cabo, fui mesmo um covarde.

Ela: Não vale a pena ter tanta pena de si. Veja só: aqui estamos e hoje somos nada mais do que a materialização de um tempo em memória, que nos confunde, nessa brincadeira de cabra-cega. Mal sabemos o que estamos falando. Perdemos-nos no túnel escuro do tempo. Hoje o que vemos é resul-

tado dessa perda: a direita mais conservadora está no poder; a nossa utopia se perverteu; e o sonho ficou paralisado e suspenso no ar como essa gangorra em que nos encontramos. Sem os pés no chão, o que seremos? Corpos que abrigam almas e mentes que vagueiam entre um passado e um presente histórico, cujas lutas parecem não ter fim: a luta pela terra e a luta pela liberdade.

Ele: “Meu coração não se cansa de ter esperança de um dia ser tudo o que quer”, cantarolava.

Ao ouvir aquele senhor entoando a canção de Caetano e imaginar-se no lugar dele, numa conversa com a menina das ligas camponesas, ocupando, em sua mente, o lugar da senhora de cabelos prateados, Beto se conectava a um futuro alarmantemente anunciado, no campo da política.

Na vida pessoal, as experiências de abandono de Beto o colocavam num lugar de expectativa, contraditoriamente paciente e agoniada, do tempo em que ia ser mais uma vez abandonado e viver, uma vez mais, o medo, a solidão. Não morreria em Beto a esperança de um dia conhecer alguém que falasse a língua sincera do amor, não essa que apenas baba na hora do gozo. Recitou os versos em seu silêncio: “El amor con sus esmeros al viejo lo vuelve niño / Y al malo sólo el cariño lo vuelve puro y sincero”.

Era isso: faltava honestidade no mundo. O futuro que esperaria Beto era o das notícias falsas, das decepções políticas, do sonho acabado. Por ora, nesse encontro temporal imaginário de futuro e passado como as duas pontas brancas pensantes de uma gangorra, Beto paralisava no medo da solidão que se avizinhava. Mas não demoraria muito para Beto conhecer a menina dos juízos acertados e a vida continuar, sabendo-se renascendo, como o sol, na permanência do dia após dia, de cada vez diferente. ♥

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Carlos Pereir

O ponto de mutação

Quando vi o teu choro envaideci,
 Pois pensei: "Sou a causa dos teus prantos!"
 Mas nas fugas a portos e recantos
 Tua face no espelho eu discerni.
 Qual não foi a surpresa?!... Então desci
 Dos impérios erguidos em meu nome.
 Desses egos inflados que se tome
 O poder que será de cada um.
 E o amor não será de modo algum
 Abastança de um lado, de outro a fome...

Leonard Cohen

Envelheci, mulher...
 E antes que a foice me tense,
 quero ouvir aquele cantor canadense
 do bar que declina a porta:
 solidão tão vívida,
 esperança morta...
 Quero ouvir aquele cantor canadense
 que outro dia buscou Deus à míngua.
 Hoje eu sei e entendo sua língua
 e preciso, mulher, que repense
 sobre os dias em que eu ouvia o judeu na-
 rigudo do Canadá:
 um dia me deste; outros dias não dá...
 Católico, fiz festim entre os ateus
 e fui ter ao mito do Oriente,
 mas tive pena de Cristo
 tecendo seu oaristo
 na sala de estar de um mundo doente.
 O bar está fechado
 e a igreja fica em bairro distante.
 Perdi o caminho, não encontrei hierofante
 e não fui mais encontrado...
 De tão jovem, mulher,
 quero ouvir o cantor canadense.
 Decifrei sua língua.
 E se trago entre os braços esta íngua,
 é de jovem teimando em nonsense.
 Vou ouvir o cantor canadense
 morto aos dois anos de 80.
 Metade que sou, aos 40,
 não aprendi ainda sobre a hora de fechar...

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Soneto do retorno malogrado

Dá-me um beijo, mulher! Dá-me um abraço!
 Eu confesso: dancei... O mundo gira.
 Eu prometo: cansei. Estou na mira...
 Aguardando o projétil do teu passo.

Outro dia eu sonhara com um delírio
 Que rasgava os limites da epiderme.
 Hoje quero... E, ao querer-te, se quiser-me,
 Guardo em ti a lembrança do colírio

E do alívio do leito acolhedor...
 Dá-me um beijo, mulher! Dá-me um segundo,
 Que a um terceiro este quarto é perdedor.

Sei que a um quinto esse sexto é todo mundo
 Que ao teu passo se prende: um desertor
 Como eu! Dá-me um abraço e te fecundo...

O rodopio e a masmorra: o mecanismo do vício

No começo o conhaque amargava a goela
 mas a promessa de um rodopio alongava o festim.
 E o carrossel era sempre com ela...
 Era azul, vermelha, amarela
 a que tinha a tramela
 da porta dos prazeres sem fim...

A lembrança do gozo construiu a masmorra
 e o conhaque ainda agora amargando a alma.
 Sem luar e sem comoção do diabo,
 sem dadaísmo ou decassílabo,
 entregue às mãos do menoscabo
 de quem me detém entre as unhas e a palma...

a de Almeida



Os sopros de Eros

Amores que encarceram os olhos
roubam o ar como os sobressaltos,
o saco insano das torturas,
o vil suplício dos incautos,

distraídos em suas crenças,
beijando a lona em desavenças;

amores que arregalam os olhos,
dança de leque arreganhado,
rebetam tramelas, ferrolhos,

ao bardo sopram um solto mote,
um pé de vento no cangote...



Reminiscência Cariri

No leito de um riacho torto
Que há muito a nuvem não lambeu,
Encontro os sinais de um aborto:
Os sonhos do velho do horto
Ao pino do sol feneceu!

Rastejam bocas amoladas
E rusgam alados zumbidos.
Lentas lagartas fogueadas,
Gravetos, folhas ressecadas,
Vespas, mutucas, alaridos...

(A lagarta-de-fogo intenta
Fugir para além da amplidão.
Se esconde, se guarda, se enfrenta;
Aprende a voar, se aparenta
Com um preto Cavalo-do-Cão!)

Os olhos de um avô, ressequidos
(verde-espinhento-cardeiro),
Enxergo nos meus refletidos:
Os sulcos desumedevidos
À sombra magra do Umbuzeiro...

Carlos Pereira de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 1973, e reside em Campina Grande (PB), desde 1983, onde exerce o ofício de professor de Língua Portuguesa e Literatura. Possui o título de Mestre em Literatura e tem alguns trabalhos de poesia publicados, dentre os quais o livro *Artesanato* (2001) e os livretos de cordel *A ida de Roberto Marinho para o Inferno* (2003), *O dia em que mandaram invadir a Paraíba* (2009) e *O concerto dos mortos e o canto pela memória viva* (2012).



Anayde Beiriz é considerada uma mulher à frente de seu tempo, a conflitada década de 30



A partir de 1993, Clotilde Tavares passou a se dedicar às atividades artísticas e intelectuais



Débora Gil é da nova geração de poetas paraibanas. Publica livros, edita livros e ministra oficinas literárias

Vozes e versos DA LITERATURA PARAIBANA FEITA POR **mulheres**

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Certo que temos em Augusto dos Anjos o exemplo maior da poesia nascida nas terras da Paraíba, com seus versos inusitados, seu vocabulário surpreendente, seu ritmo que reproduz a “sucessividade dos segundos”. Mas e a literatura feminina? A literatura feita pelas mulheres? Ah, a Paraíba não fica atrás dos passos au-

gustianos, na geração e acolhimento de autoras que honram nossas tradições de talento cultural, artístico e literário.

Anayde Beiriz, com certeza, é o primeiro nome que vem à memória daqueles que amam as letras paraibanas. Para muitos, foi apenas o pivô da briga entre João Dantas e João Pessoa, que provocou a

morte deste e a prisão daquele e a chamada Revolução de 30. Não sejamos tolos. Anayde foi muito mais do que isso. Foi professora e teve a coragem de ousar poesia em pleno ambiente machista de 30. Foi antes de tudo transgressora para uma sociedade que não via com bons olhos aquela moça chamada de “pantera dos ▶

FOTO: EDSON MATOS

FOTO: ORTILO ANTÔNIO

FOTO: DIVULGAÇÃO

FOTO: DIVULGAÇÃO



- ▶ olhos dormentes” que defendia o voto das mulheres, usava cabelo ousado para a época, vestia roupas decotadas e, sobretudo, fazia poesia com a vida.

Esse legado de ousadia, talento e transgressão continuou por décadas adiantes. É quando chega Irene Dias Cavalcanti e impõe outra forma de transgressão, de ousadia. A sua poesia erótica, em plena época da Ditadura Militar. Ícone feminino da literatura erótica nos anos 70, Irene marcou presença na cena literária com o lançamento de *Eu, mulher*; seguido de *Lirerótica*. Irene é, infelizmente, um nome pouco estudado pelas nossas academias e praticamente ignorado pelas novas gerações. Mas sua obra está aí, para quem quiser entender o que de fato é não ter medo de ser mulher.

Não podemos parar nela. A Literatura paraibana, de meados dos anos 1970 até esses primeiros 19 anos do século XXI, apresenta nomes e mais nomes que não podem ser ignorados. Alguns com renome nacional e vencedores de prêmios literários. Claro, não podemos esquecer de Maria Valéria Rezende, nascida em Santos, mas radicada nessas plagas e já com título oficial de cidadã paraibana. Valéria, que já anuncia novo romance, ganhou vários Jabutis e até o Casa de las Américas, de Cuba, além de ser uma das maiores referências para a literatura nacional.

Marília Carneiro Arnaud é outro grande exemplo de autora da terra com ressonância

nacional. “A menina de cipango” é um de seus livros e Marília Carneiro Arnaud é autora também de *Suite*

de silêncios e *Liturgia do fim*, além de ser elogiada e referendada pela crítica literária nacional com uma ficção que surpreende pela qualidade narrativa em tempos de mesmice literária.

Na poesia não podemos esquecer de Vitória Lima e seu *Fúcsia*, um dos melhores livros de poemas feitos na Paraíba. Nem de Fidélia Cassandra, que anuncia *Antes de ser blues* como seu novo livro de poemas, para lançar ainda este ano. E como ignorar as novas gerações, representada aqui por nomes como Anna Apolinário e Débora Gil Pantaleão – duas das vozes líricas mais interessantes da nova poesia paraibana?

Mas tem muitas outras autoras que mostram com quantas vozes femininas se faz a boa literatura. Ângela Bezerra de Castro, no ensaio, Angélica Lúcio (ainda inédita em livro), Clotilde Tavares, Lenilde Freitas, Mirtes Waleska, Letícia Palmeira, Amanda K., Cyelle Carmem, para ficar em alguns nomes e não esquecer porque a Paraíba foi escolhida para sediar o primeiro encontro nacional do Coletivo Mulherio das Letras.

O poeta Antônio Mariano chegou a começar uma pesquisa sobre a lírica feminina na Paraíba. Coletou dados, levantou nomes e referência de nossas autoras. Por motivos de força maior, não levantou adiante seu projeto. Está na hora de reunir nossas poetisas e escritoras numa obra que afirme sua importância para a construção de nossa identidade literária. A boa literatura nacional agradece. ✦

Maria Valéria Rezende (primeira à esquerda), Amanda K., Marília Arnaud e Vitória Lima

Esse legado de ousadia, talento e transgressão continuou por décadas. É quando chega Irene Dias e impõe outra forma de transgressão, de ousadia.

O lamaçal DA POESIA Marginal



A Poesia Marginal não existe como um movimento nem como um grupo de poetas com o mesmo ideário. O Tropicalismo sacudiu a cena brasileira da música popular e colocou em *close* a quebra das distinções entre erudito e popular, antigo e moderno, brega e bom gosto. Isto, é claro, na esteira da Antropofagia oswaldiana.

A Poesia Marginal bebeu na fonte do Tropicalismo. Mas bebeu muito pouco. Só um quarto de copo. Na verdade os poetas marginais não sacavam quase nada da nossa tradição poética nem cultural. O próprio Chacal, em depoimento à revista *Escrita*, declarou: “eu lia pouco, muitos contos de fadas, Monteiro Lobato”. Eram porraloucas. Com o desbunde, adolescentemente investiam contra tudo que se consolidara como valor literário. Mas ao contrário dos modernistas de 22, aos poetas marginais faltava um programa estético. Por quê? Porque eles mesmos, sendo contra a estética em vigor, queriam malhar tudo que viesse pela frente e tivesse valor literário consagrado. Malharam até João Cabral e os concretos, porque eram, diziam, demasiadamente tecnicistas.

O jornalista Carlos Juliano Barros observa que a Poesia Marginal ao “abordar temas terrenos e subjetivos consistia numa crítica ao que era considerado

cânone na época, como a poesia de João Cabral de Mello Neto, por exemplo. Na concepção de alguns marginais, a literatura do mestre pernambucano tinha um caráter muito maquinais e tecnicista, com versos bem acabados, porém pouco antenados ao dia-a-dia”.

Sobre poesia, vanguarda e pós-vanguarda, diz Glauco Mattoso: “Depois de Oswald, a vanguarda só voltou à poesia brasileira na década de 50, com o movimento concreto.

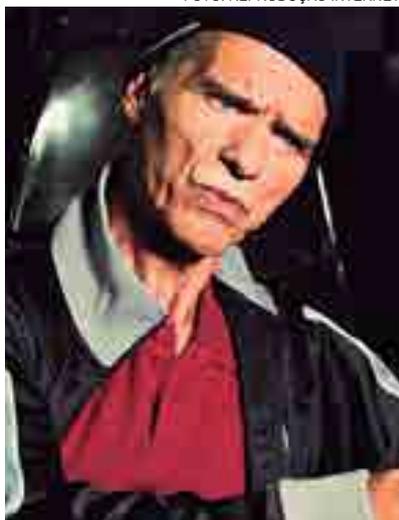
Até hoje esse é o movimento mais combatido, justamente por ser o mais revolucionário e o que sobrevive há mais tempo, enquanto tendências mais recentes se sucedem, se rebatizam, se esgotam, se radicalizam, regridem ou simplesmente caem de moda”.

E o que os poetas marginais propunham? Nada além da incorporação da coloquialidade e do humor. Pelo uso de gírias e palavrões. Mas isto está nas raízes de 22. Só que os poetas marginais, ao contrário dos modernistas, não conheciam a tradição da poesia brasileira, nem estrangeira. Ouviam dizer que os *beats* norte-americanos estavam *on the road*, que Oswald fazia poema-piada. Mas tudo era sabido “de ouvido”. Sem maiores verticalizações.

Pontua Glauco Mattoso: “antes de ser uma recusa, esta postura significa simplesmente um desconhecimento dos modelos literários, por falta de informação mesmo”. E prossegue: “um estilo coloquial, por si só, apesar da gíria e do chulo” pode ser “conforme o caso, mero artifício estético, comum a todas as épocas. Tudo leva à conclusão de que o rótulo *poesia marginal* é muito inconsistente no plano literário”.

Usando a terminologia de Antonio Candido podemos dizer que diante da Poesia Marginal a crítica que tem sido feita não é literária, mas sociologia da literatura. Isto porque o próprio

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Chacal foi um dos primeiros poetas a se utilizar do mimeógrafo para divulgar sua poesia, da década de 70, com o livro Muito Prazer

► objeto de estudo não se oferece como objeto estético. Diz Antonio Candido a respeito do desrespeito com a forma e a estrutura do texto literário, em geral: “nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais”. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal”.

Devido a esta desinformação histórica e ao maniqueísmo crítico, a Poesia Marginal ficou na adolescência da poesia brasileira. Ao invés do uso criativo e produtivo da coloquialidade (tal como T. S. Eliot apregoa: o poeta tem de ouvir e trabalhar a língua de seu povo, dialogando com a tradição) ou da apropriação crítico-criativa do poema-piada (como a exemplo de Oswald, Mário) a Poesia Marginal gerou uma poesia de segunda classe.

Isto não é novidade no cenário da poesia brasileira. Depois de 22 enxames de poetas devastaram a cena “literária” brasileira. Assim como os poetas da Poesia Marginal, desconheciam a história estético-social da poesia brasileira, os milhares de poetas de plantão em todos os recantos do Brasil, estão de guardanapos em punho fazendo poesia coloquial, sentimental, cheia de tiradinhas de bom humor e bem quadradinhas. Milk-shakes de padarias.

A caretece se infiltrou e inflou o cenário literário brasileiro. A Poesia Marginal pertence a esta cena patética, como pertencem os milhares de zé-ninguém que se autoproclamam poetas a torto e a direito.

Qualquer coisa é Poesia Marginal. Basta emparelhar-se com a displicência, a vicissitude, a idiossincrasia que, na falta de valores, passam a ser valores.

O “fazer fácil” que a Poesia Marginal proclama, requer um sólido repertório literário e artístico para efetivar-se. É o caso de Manuel Bandeira. Nele a coloquialidade, o chiste, a fala do povo têm sotaque e dicção próprios. Em toda a Poesia Marginal não encontramos um poema



FOTO: GLAUCO MATTOSO - EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO

Glauco Mattoso também integrou o grupo de “poetas marginais”, na década de 70

que se equipare a “Madrigal tão engraçadinho”, por exemplo. Ou a “Namorados”, ambos de Bandeira. Ou mesmo a “O capoeira”, de Oswald.

Não sejamos ingênuos: não dá pra comparar os estilos bandeiriano e oswaldiano às peraltices dos poetas marginais. Oswald, Bandeira e – perto de nós: José Paulo Paes – aprenderam a desaprender o que sabiam para chegar à poesia. Assim como Miró desaprendeu a pintar pra pintar como criança. No entanto, dizer que toda criança é artista porque Miró pintou como criança é de um anacronismo que estreita limites com a má-fé.

A Poesia Marginal acabou produzindo poemas convencionais – mesmo estando à margem. Convencional no tratamento literário dispensado aos poemas, ainda que o tema fosse engajado – cultural, social, sexualmente. Leminski vai direto ao ponto: “um poema convencional continua medíocre mesmo que invista contra toda a opressão do mundo”.

Carlos Alberto Pereira escreveu o livro que é considerado

obra de referência sobre a Poesia Marginal: *Retrato de época: poesia marginal, anos 70*. É interessante frisar que o autor é um antropólogo e abordou a Poesia Marginal não como literatura, mas como fato cultural. Ou seja, a obra é analisada extraliterariamente. Para o autor, o que conta é a ideologia. Ora, na esteira de Antonio Candido, reiteramos: isto não é crítica literária: é sociologia da literatura - ou antropologia literária.

Estas duas posturas não interessam a um crítico literário. Afinal, tal enfoque crítico não toma o objeto literário como arte. Capta suas implicações como *fato* cultural. Os elementos da obra interessam à medida que revelam fatos extraliterários. Diante desta postura, a especificidade literária do objeto artístico é suplantada por vetores de direções avessas à artística.

Carlos Alberto Pereira anota: “O que se atualiza nos poemas é, de certa forma, um conjunto de ideias e/ou de práticas cotidianas – isto é, do cotidiano de certo ou de certos grupos dentro da sociedade. Acho que é desta forma que têm que ser encaradas, por ex., as referências a sexo, a tóxicos, o uso do palavrão e assim por diante”. Ou seja, não devem ser encaradas como literatura.

Não é por nada que Pereira identifica três ideias-chave: “antitecnicismo, politização do cotidiano e anti-intelectualismo”. Mesmo reconhecendo não serem estes três pontos características exclusivas da Poesia Marginal, o autor destaca a importância social e antropológica desta poesia. Isto está fora de cogitação. A pergunta que se lambuza neste lamaçal é: se a Poesia Marginal é poesia, como não analisá-la enquanto poesia? Como não lê-la a partir de seus “elementos intrínsecos” – na feliz expressão de Antonio Candido? ✦

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



Mestre Josué Montello

Josué Montello (1917-2006) atuou no jornalismo, no magistério, no teatro e na literatura

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

Para Doctor Virgílio, o inesquecível.

Numa das inúmeras e amistosas conversas que sempre mantinha com o amigo e mestre, Dr. Virgílio Brasileiro, um dos mais caros orgulhos de Campina Grande, que o Senhor da vida já conduziu do tempo para a eternidade, ele me sinalizava que o mês de agosto para a literatura brasileira apontava para o centenário de nascimento daquele que, seguramente foi um dos mais completos homens de letras do nosso país, o mestre Josué Montello, a quem tive o prazer de conhecer pessoalmente na década de noventa, quando o admirável escritor maranhense esteve em Campina Grande proferindo conferência numa das edições dos memoráveis Congressos Brasileiros e Internacionais de Teoria e Crítica Literária que, sob a competente e inspirada regência de Elizabeth Marinheiro e valorosa equipe de colaboradores, Campina Grande realizava, transformando-se, naqueles inesquecíveis acontecimentos da nossa história, numa verdadeira tribuna de reflexão, tendo como indesejável bandeira, a literatura. Nada mais oportuno do que celebrarmos a memória do grande literato brasileiro na casa da Informalidade em Busca do Conhecimento, o Clube Pensamento/Estudo/Nacionalidade Primeira Seccional PEN da Pa-

raíba, que já escreveu o seu nome nas cenas e cenários de nossa cidade e de nosso estado.

Afável no trato e espontâneo na comunicação com os seus interlocutores, Josué Montello encantou o público que lotou as dependências do Teatro Severino Bezerra Cabral, para ouvi-lo dissertar, com engenho e arte, sobre os fascínios, desafios e mistérios que cercam o ato/processo da criação literária, da qual o criador de *A Noite Sobre Alcântara* pontificou como um consumado mestre, sendo, por isso mesmo, alvo de consagradoras recepções por parte da crítica literária especializada, tanto do Brasil quanto do exterior, a exemplo do grande ensaísta português Jacinto do Prado Coelho, que flagrou em Josué Montello, um dos mais qualificados arquitetos da urdidura ficcional, notadamen-

► te do romance, gênero que nas hábeis mãos montellianas atingiu as culminâncias da perfeição formal, acumpliciada à rica substancialidade humana de que sempre esteve impregnada.

Josué Montello foi antes de tudo um exímio estilista da palavra exata, sem carência nem excesso, palavra que ocupava, em cada trama que extraiu da sua arguta imaginação e senso de observação do real, o lugar adequado e a adequada funcionalidade estética. Avesso a certos experimentalismos pouco convincentes do ponto de vista artístico, Josué Montello apostou na ficção como o território privilegiado para o delineamento da construção de uma boa estória, na qual, fruto da observação cuidadosa e da invenção libertária, a experiência humana é transfigurada e, partindo do chão local de sua realidade primeira, atemporaliza-se e, como toda boa arte literária que se preza, ganha foros de universalidade.

Na iluminada pena do criador do grandioso romance *Os Tambores de São Luís*, a velha e sempre jovem lição de Leon Tolstói é reatualizada competentemente: Josué Montello cantou a sua aldeia, a Ilha de São Luís do Maranhão, mas o fez de modo tão emblemático que, no final das contas, discorreu mesmo foi sobre a condição humana, e os múltiplos dramas que a afligem, independentemente da geografia em que ela se encontra plantada, afinal das contas, como vaticina o verso do poeta paraibano José Antonio

Assunção: “aos olhos de um homem em crise toda geografia é o mesmo acidente”.

Homem de letras na acepção semântica mais rigorosa da expressão, Josué Montello e a literatura se constituíram, ao longo de mais de meio século de infrangível convivência, em faces indissociáveis de uma mesma fenomenologia estética e existencial, como se somente na palavra depositada na face branca do papel, pudesse o mestre maranhense encontrar mecanismos mais compatíveis com a ingente tentativa que o ser humano empreende no itinerário que vai do berço à campa, a fim de decifrar os enigmas com se que se depara em sua existência no tempo e na história.

Assim foi Josué Montello, íntimo da palavra, amante da literatura, enamorado dos livros. A vasta obra que construiu, consubstanciada nos variados gêneros literários que cultivou, deu bem a medida do seu devotamento à literatura, na qual se consumiu e consumou. Romancista, novelista, contista, tradu-

tor, conferencista, ensaísta, autor de excepcionais e volumosos diários, que abarcaram vários períodos da história nacional, membro da Academia Brasileira de Letras, cronista, Josué Montello compôs um sólido sistema literário, no qual, por qualquer ângulo que ele seja examinado, avultará o selo da singular qualidade estética.

De todos esses universos que ele percorreu com sóbria e rematada mão de mestre, fixo-me no cronista atilado, que parecia andar de mãos dadas, ainda que sem nenhum ranço de verticalidade doutrinária, com o ensaio, gênero assumidamente movediço e errante; e que Josué Montello praticou com incomum perícia, que o digam, dentre outras, as páginas que ele dedicou a Machado de Assis, a cujo estilo ático Josué Montello se filiou, herdando do *Bruxo do Cosme Velho*, as melhores lições no criativo manuseio do grande tesouro da Língua Portuguesa.

Atravessada de ponta a ponta pelo incansável leitor que nunca deixou de ser, a crônica de Josué Montello constitui-se numa espécie de vasto palimpsesto, em cujo estuário cruzam-se e recruzam-se as leituras que foram se configurando no paidumeia particular do criador de *Uma Varanda sobre o Silêncio*.

Esculpindo afetivamente o perfil de um amigo. Recontando um episódio da vida literária nacional. Revisitando as cenas e os cenários de uma paisagem citadina. Refletindo sobre o enigma do ser/estar no mundo. Investigando o fluir irreprimível do tempo, artífice da provisoriade de tudo, e as inevitáveis transformações que ele produz em quem se torna alvo da sua aferição implacável. Meditando sobre Deus e os congênitos apelos que nos vocacionam para as esferas da transcendência. Vasculhando os porões da memória e ressignificando os tecidos esgarçados do viver de outrora. Percorrendo, enfim, outros vãos e desvãos da existencialidade humana, nas recorrentes crônicas com que Josué Montello brindava os seus assíduos leitores do Jornal ►

Entre as obras de Josué Montello destaca-se Os tambores de São Luís, de 1965



- do Brasil, tudo era temperado com o diversificado e delicioso molho das leituras que cultivou, diria Machado de Assis, como “uma espécie de segunda alma”.

Por esse viés, a vida nossa de cada dia, na pena de Josué Montello, andava sempre de mãos dadas com o refinamento estilístico próprio de quem sabia, à exaustão, que a literatura é, sobretudo, “um penetrar surdamente no reino das palavras”, conforme preconizado por Carlos Drummond de Andrade em “Procura da Poesia”, um dos mais significativos poemas dentre os muitos que integram o clássico livro *A Rosa do Povo*. Conquanto permanentemente roçantes do ensaísmo, as crônicas de Josué Montello sempre se fizeram acompanhar de uma dicção lírica sumamente delicada, impregnando de poesia cada território visitado pelo olhar atento e sensível do cronista.

No elucidativo prefácio que elaborou para o conjunto de crônicas de Josué Montello que a editora Global publicou no ano de dois mil e nove, a ensaísta Flávio amparo afirma que “A crônica de Montello tem o ar das coisas sérias, com a linguagem fluida de um mestre das palavras, disposto a desvendar um mundo todo seu: o universo da escrita. Nem por isso perde a leveza, a cumplicidade com o leitor, podendo provocar tanto as lágrimas quanto o riso, tamanha a sua capacidade de trabalhar com a palavra e com os sentimentos, ora tocando as fímbrias do intelecto, ora as cordas do coração”. Acertadíssimo, tal juízo crítico, o que corrobora o ponto de vista de que a crônica não é um gênero menor, como insiste certa crítica irritantemente hierarquizadora do fenômeno literário, até porque com Affonso Romano de Sant’Anna aprendemos que “não há gêneros maiores, nem menores, mas, sim, pessoas maiores ou menores diante dos gêneros”.

Considerando que crônica e cidade são duas realidades indesconectáveis, Josué Montello fez da Ilha de São Luís, uma das personagens principais do enredo que ele tão bem soube construir. Cronista maior, Josué Montello foi, de igual ma-

neira, autor de uma qualificada coleção de Diários, que, primorosos em sua feição estrutural interna, compuseram o painel de representativos momentos da vida política e cultural do Brasil.

Participando desses significativos instantes da vida nacional, não como um mero e diletante observador, mas como um protagonista de vários episódios, Josué Montello, mais do que um fotógrafo minudente do real captado, foi o intérprete dos fecundos bastidores de tudo quanto configurou a nervura essencial de uma vasta cronologia do ser/fazer brasileiro em suas mais variadas modalidades de manifestação.

Mestre consumado na arte de transfigurar a vida, Josué Montello, na justa homenagem que lhe prestamos nesta tarde/noite em que rememoramos o centenário do seu nascimento, é saudade viva e recordação alegre de um escritor que soube como poucos conferir grandeza e dignidade às letras nacionais.

Numa das porções mais belas do seu *Diário da Noite Iluminada*, assim se pronuncia o mestre Josué Montello: “Sempre que tenho em mãos um novo livro meu, eu o folheio, leio aqui um trecho, outro ali, depois lhe digo: - Agora, trata de cumprir o teu destino. Serás louvado por uns, injuriado por outros, até que te deixem, quieto, no teu vão de estante. É esse o destino de todos. Tanto os de Goethe quanto os de João Fernandes. Tua verdadeira glória, se acaso a tiveres, ocorrerá à noite, no silêncio da casa, quando alguém te vier buscar para que sejas seu companheiro de vigília. Vai. Que Deus te proteja. E te dê essa noite”. Eis aqui e agora, mais uma noite a eternizar a memória do mestre Josué Montello. ✦

(Palestra proferida no encontro da I Seccional PEN da Paraíba, no ano de 2017, na celebração do centenário de nascimento do mestre Josué Montello).

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).



Josué Montello praticou com incomum perícia (o ensaio), que o digam, dentre outras, as páginas que ele dedicou a Machado de Assis (foto).

Um momento da festa de Ivan Ângelo (1)



Como na coluna anterior tratei da crise de inventos na nossa literatura, trago nesta coluna e na próxima algumas considerações sobre um capítulo, em especial, do inventivo romance *A festa*, de Ivan Ângelo. Um capítulo apenas para apontar as inquietações formais de um escritor que fez experimentos consistentes. Tratarei, assim, de “Documentário”, capítulo que abre a obra de 1976. Sobre o protagonista: o capítulo inicial de *A festa* tem como protagonista Marcionílio de Mattos, 53 anos, que atuou no cangaço (era admirador de Lampião). Atuou também nas Ligas Camponesas, comandadas por Francisco Julião. Marcionílio, após um incêndio provocado em alguns vagões, comanda uma rebelião de retirantes nordestinos (cerca de oitocentos) que iriam, na madrugada de 31 de março de 1970, tomar o trem de volta para o Nordeste na estação ferroviária de Belo Horizonte. Os rebelados se dispersam pelas ruas da cidade. Os poucos policiais que estavam no local investem contra o grupo, tentando conter a rebelião, mas não obtêm êxito. Marcionílio é, no fim, preso, tomado como subversivo (lembrando que a ação se passa em 1970, na época do governo Médici, o mais contundente no combate ao comunismo, tendo torturado e eliminado inúmeros integrantes da esquerda). Marcionílio tenta fugir da cela de uma delegacia do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), órgão da repres-



Com a republicação do romance *A festa*, de 1963, Ivan Ângelo conquistou o Prêmio Jabuti de 1976

são política, e é morto. Marcionílio, assim, no enredo, encarna, por um lado, a figura de um *herói* (se visto pela perspectiva de quem defende os flagelados e/ou famintos nordestinos, ele tem virtudes, é valoroso) e, por outro, de um *anti-herói* (para quem adere ao ponto de vista do regime militar, ele é, ao organizar um movimento social, um subversivo, um “comunista”, “extremista”, “desordeiro”; enfim, um “fora da lei”). Essa ambiguidade aplicada no foco narrativo expressa bem o que estava posto na sociedade brasileira do período: o enfrentamento entre os militares (representantes da direita e da extrema-direita) X a esquerda. O fragmento final do capítulo, que

remete ao confronto armado entre os militares e os que os contestavam, expressa ainda uma retórica típica do jornalismo da época, que atacava os grupos de esquerda e os movimentos organizados da sociedade: “Marcionílio, o frustrado líder camponês que há três anos tentou trazer a subversão do campo para a cidade, chefiando um verdadeiro regimento de famintos, em conexão com extremistas da Capital, arrebatou a arma de um policial, imobilizou um guarda, ganhou o saguão do DOPS e correu pela avenida Afonso Pena abaixo, atirando em seus perseguidores. Um tiro de um dos agentes que corriam em sua perseguição atingiu Marcionílio na cabeça, que caiu já sem vida” (*grifos meus*). Fica claro, aí, que a violência que eclodia naquela época, do ponto de vista dos militares, era coisa da “subversão” – e a violência do governo era apenas represália, um mero revide. Daí o fragmento soar irônico, operando certa paródia do discurso jornalístico, pois o principal agente da violência nos anos 70 era mesmo o regime militar (como comprovam documentos, incluindo-se alguns mais recentes, que apontam práticas de tortura e assassinatos em série, do conhecimento das altas autoridades e dos próprios presidentes da República do período). ✦

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Apneia

Krishnamurti Góes dos Anjos

Especial para o *Correio das Artes*

O romance de fisionomia intimista segue a linha da sondagem interior, de indagação dos problemas humanos. Por vezes se bifurca em vertentes de exploração de personagens angustiadas, desnudando seus traumas, problemas psicológicos, religiosos, morais e metafísicos, ou assume a vertente um tanto quanto autobiográfica fundindo os mesmos problemas e circunstâncias na figura de um narrador-autor. Em suma temos que a também chamada prosa intimista é estilo literário em que o foco maior reside na exploração de aspectos humanos e sobretudo no tempo psicológico dos personagens envolvidos na trama.

Nesse campo como não lembrar de Clarice Lis-

pector, Lygia Fagundes Teles, Lya Luft ou Nélida Pinõn que levaram à extremos as características desse tipo de sondagem psicológica? E se nos referimos a escritoras é porque surge aqui e agora, uma que em livro de estreia, parece demonstrar talento e impulso suficiente para construir obra de significativa relevância que somente a posteridade há de confirmar. Trata-se da senhora Beatriz Aquino, autora do romance *Apneia*.

Apneia aqui significa aquele mergulho livre, o esporte em que o mergulhador submerge sem utilizar equipamentos para respirar, ou seja, em apneia. Assim esse romance a propor mergulhos na alma:

“Sabe àquela hora do banho quando nos sentimos limpinhos e higienizados e olhamos sem querer para a água que escorre para aquele ralo escuro? Nunca se perguntaram como deve ser a vida dentro daquele subsolo úmido e cheio de formas de vida desconhecidas?”... “Foi só deixar a bÍlis me trazer até a boca as memórias dos acontecidos e pronto. Cá estou nessa vertigem que acomete a todos aqueles que permitem que suas verdades mais obscuras tomem conta de si. Isso mesmo, me fiz em miniatura e prendendo o nariz como fazia aos cinco anos pra mergulhar no tonel que colhia água da bica, mergulhei no ralo.”

A autora apresenta-nos portanto uma personagem que aos

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Atriz, escritora e tradutora Beatriz Aquino, autora de *Apneia* (romance)

▶ 43 anos resolve passar a vida a limpo. E é então que se cria uma realidade metafórica envolvendo o ralo do esgoto onde o conjunto de realidades experimentadas pela personagem e pelo jogo ilusionista da criadora nos fisga inapelavelmente. O romance é a ilusão de uma realidade e é a realidade de uma ilusão. Ao mesmo tempo em que se fundamenta na experiência do real vivido pela narradora, lança-se a múltiplas realidades imaginárias. Tudo – desde a ideia mais abstrata até os restos de shampoo, sabonete e outros fluídos indizíveis que escorrem pelo ralo do box, leva em si a marca do tempo, está saturado de tempo e vivências e neles ganha a sua forma e o seu sentido. A protagonista é introspectiva, intuitiva, capaz de descer aos seus infernos interiores para abeirar-se do indizível, do inconfessável.

Usa de linguagem que embora coloquial, é expressão trabalhada, aflita, profundamente criativa de um texto de ardorosa vida interior. Um mergulho à procura dos confrontos básicos do ser a partir mesmo de suas origens no Nordeste brasileiro. E são origens bastante humildes. A “apneia” acaba por se constituir uma viagem, uma fuga de si mesma e para si mesma. Em seu mergulho existencial faz de seus encontros com criaturas que vivem nos esgotos tais como as baratas e os ratos, as metáforas de certos humanos que encontramos pela vida a viver como insetos, ou ainda metáforas outras dos terrores de consciência que nos afligem. Vemos a meninazinha esquelética em uma infância miserável sofrendo todo tipo de carências. Assistimos a sua consciência se abrindo para a vileza do mundo. Imaginamos a cena da dor de uma criança rejeitada pelo pai sem saber por quê.

O texto vai se costurando através de links entre passado e presente, aproximando espaços e formas distintos através do tempo, e sobre uma crítica mordaz. Realmente; amplitude, lucidez e criticidade são traços que marcam a prosa dessa

autora que consegue fabricar em seu texto o retrato de um mundo integralizado onde as personagens (protagonista inclusive), circulam em busca de um sentido para suas existências, e que nos leva a sentir por trás das imagens que vivem e ganham forma o exato sentido do mundo proposto. Brota então a necessidade imperiosa de resgatar verdades em meio à dissolução dos valores no mundo contemporâneo. Mas a ruptura estabelecida entre realidade e ilusão nunca é completa. É por isso que o romance nos faz crer na vida que dele emana, nas realidades possíveis e (não) imaginadas. Fato que nos permite compreender o jogo de espelhos, de imagens, olhares e perspectivas provenientes do texto romanescos, afeito a um mundo repleto de simulacros, aos quais ele, tantas vezes, aponta sua crítica subversiva.

A menina cresce, chega à pré-adolescência. Entra em cena, aquela noção fundamental da

teoria de Freud (Complexo de Édipo) que se constitui no ponto central da psicanálise. Parte de nossa fraqueza constitucional que é um conceito tão caro à psicanálise e se refere à maneira como o ser humano precisa do outro. Nascemos seres incompletos, necessitados do outro para alcançar nossa completude biológica e psíquica. O desabrochar da protagonista em sua consciência vai deslindando um mundo verdadeiramente hostil, agravado em seu íntimo pela sombra da dúvida de ser ou não filha biológica daquele que fazia a figura de pai (machista e alcoólatra) de seus outros irmãos - 8 filhos que a mãe acabou criando sozinha. Transtornos de toda ordem, miséria, fome, humilhação, abusos sexual de adultos. Tempo de solidão terrível: sente-se sozinha e humilhada. Entra no Édipo (isto é, sexualiza o ‘pai’) e somente abandona tal sentir quando, anos depois, deseja outro homem que não ele. A dúvida quanto à paternidade biológica entretanto, permanece como sério elemento desestabilizador de sua própria sexualidade.

O que pode fazer conosco esse vale-tudo irresponsável com que tratamos nossa sexualidade? “vou ser como ele!”, grita-lhe o subconsciente. Que significa isso? Que a menina recalca um desejo difuso de ser possuída pelo pai, sem com isso renunciar à sua pessoa. Em outras palavras, deixa de considerar o pai desejável em suas fantasias edípicas e incorpora sua pessoa no eu. Assim, impregna-se de desejos e valores morais que o caracterizam (única referência masculina que teve durante a infância/adolescência). Sexualmente transforma-se no retrato escarado do pai. Identificada com certos traços dele, abandona a cena edípica, abrindo-se para os futuros parceiros de sua vida de mulher. E é um desastre com altos e baixos de gozos e pouco, muito pouco amor. Sexualidade durante muito tempo encarada mais como pulsão no sentido de impulso energético interno que direciona o ▶

Usa de linguagem que embora coloquial, é expressão trabalhada, aflita, profundamente criativa de um texto de ardorosa vida interior. Um mergulho à procura dos confrontos básicos do ser a partir mesmo de suas origens no Nordeste brasileiro.

► comportamento do indivíduo. O comportamento gerado pelas pulsões diferencia-se daquele gerado por decisões, por ser aquele gerado por forças internas, inconscientes, alheias ao processo decisional do ser. A certa altura a *Femme fatale* depõe: “Nessa época eu deitava os olhos sobre a presa, mirava e saltava. Era imbatível. Eles não resistiam. Depois se prestavam ou não para alguma coisa já eram outros quinhentos.”

Muito bem, temos então a ambiência do “amor” se formando na vida da mocinha, e que vai acontecendo nessa ordem: o amor carnal, reflexo do mero instinto, o do casamento-zinho de ocasião com o primeiro amor. O divórcio, a viagem à Europa - ela alta executiva de uma empresa -, e a descoberta de um deus francês que é um verdadeiro sonho da ilha da fantasia (25 anos, lindo de morrer, atlético, astrofísico, inteligentíssimo e ainda por cima praticante de capoeira - o tesão personificado). Depois o sonho francês acaba e a criaturinha segue acumulando venturas e desastres amorosos. Enrola-se com um ator de teatro dado a chilikues, outro sujeito casado que não sabe que porcaria ele quer da vida, com um índio, segue a fila um conde italiano podre de rico, uma inferneira de ‘amores’, que ao final deixam memórias nem sempre aprazíveis na cabecinha daquela mesma menina de vestido amarelo que punha-se a esperar na porta de um casebre do Nordeste brasileiro, a chegada de um pai que a rejeitava.

E eis que socialmente esse romance funciona por outro lado, como resistência aos desvãos de uma época de graves intempéries existenciais que acompanham a humanidade. “Às vezes o mundo me parece um grande esgoto a céu aberto sendo pulverizado continuamente por um spray de flores do campo.” Nele a fusão de ideias e formas auxilia na compreensão da abordagem do falso e do verdadeiro pelo jogo estabelecido a todo o instante entre ilusão e realidade.



Socialmente, o romance de Beatriz Aquino “funciona como resistência aos desvãos de uma época”

Seja através do absurdo, do assombroso ou do verossímil, há sempre o jogo de espelhos, através do qual a vida que surge à frente do leitor é – e não é – a real. Mais do que o duplo da experiência vivida, o romance manifesta a transgressão desta em diversas imagens – por vezes semelhantes, por vezes antagônicas – capazes de complexificar o labirinto de sensações e ideias que nos conduz ao espaço romanesco.

O texto da senhora Beatriz Aquino acaba por se constituir em símbolo da ambivalência de um mundo que declina em seus valores mais sólidos – um mundo, liquefeito. Liquefeito fétido e contaminado a nos provocar devastadoras apneias. Em nossos dias o tal *homo economicus* é presa de uma instabilidade brutal. Uma ambiguidade insuportável, pois é ao mesmo tempo, mercador e mercadoria.

Positivamente estamos diante de um texto que convida à transformação do pensamento representado da esfera individual para o coletivo. Aí a promissora busca de sentido para a vida e a resistência contra o sistema cruel e excludente de nosso mundo hostil.

E não podemos deixar de registrar que ela (já aqui a narradora-autora) amadureceu, e como! Mesmo desamparada e só, munida apenas das armas de sua sensibilidade, intuição e vontade, conseguiu abandonar as falsidades do mundo corporativo castrador e violento em que vivia, conseguiu apresentar peças teatrais em dez cidades, emocionando e levando mensagem de esperança, construiu praticamente sozinha uma casa na montanha e finalmente transfigurou o seu modo de viver para aquilo que verdadeiramente escolheu ser. Escritora e atriz. Veja-se o que pode a vontade!

Apneia ao refazer os caminhos de representação da realidade, a fim de promover maior reflexão sobre o fazer literário e a vida, preenche o papel humanístico da literatura. Constitui em nossos dias metáfora de um estado desesperador que nos atravessa e nos dirige interrogações em forma de linguagem literária, sobre violências físicas e psíquicas, a marginalização, as transformações globais, a superficialidade do ser, o estar no mundo, a perda da identidade coletiva e finalmente a função da própria literatura. Esta a apneia que acomete àqueles que humanamente se dão ao “luxo”, cada vez mais raro de simplesmente pensar. ✖

Krishnamurti Góes dos Anjos é escritor, pesquisador e crítico literário. Autor de: *Il crime dei caminho novo* (romance histórico), *Gato de telhado* (contos), *Um novo século* (contos), *Embragado Intelecto e outros contos* e *Doze contos & meio poema*. Seu último livro publicado pela editora portuguesa Chiado, *O touro do rebanho* (romance histórico), obteve o primeiro lugar no Concurso Internacional - Prêmio José de Alencar, da União Brasileira de Escritores UBE/RJ, em 2014, na categoria Romance. Mora em Salvador (BA).



 **artigo**



FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET

Restinga da Marambaia

EM MEMÓRIA DE
RUBENS PAIVA (1929-1971)

Emanuel Medeiros Vieira
Especial para o *Correio das Artes*

“Dizem que meu pai foi enterrado lá”

(Marcelo Rubens Paiva – escritor – sobre seu pai, o ex-deputado Rubens Paiva [1929-1971], desaparecido, torturado e morto pela ditadura militar, cujo corpo nunca foi encontrado)

“Fala-se à boca miúda nos corredores do Cisa, Cenimar e Doi que a Vanguarda Popular Celestial (como eles denominam o local que os guerrilheiros vão depois de mortos) está sediada em algum ponto da Restinga da Marambaia” (...)

É lá que os corpos dos militantes presos são jogados à noite de helicóptero: descrevem uma parábola no ar, abrem uma fenda branca na espuma e aprofundam e adormecem sem vingança possível”

(Poema “Cemitério dos Desaparecidos, em *Inventário de Cicatrizes*, de Alex Polari Alverga, Teatro Ruth Escobar/Comité Brasileiro pela Anistia, Rio de Janeiro, 1978)

A Restinga da Marambaia é, hoje, local de descanso de presidentes.

O capitão eleito prometeu enviar inimigos políticos à “ponta da praia”.

(...) “Será uma limpeza nunca vista na História do Brasil”, disse.

Conforme explica Anna Virgínia Balloussier, “ponta da praia” é uma referência à base da Marinha na Restinga da Marambaia, no Rio de Janeiro.

A mesma ponta da praia, com o tempo, virou um gíria entre militares da linha dura (extrema-direita) para designar lugar clandestino para interrogatório com tortura e eventual morte, explica o professor de história da UFRJ, Carlos Fico.

“Naquela base militar de acesso restrito a civis, outrora entreposto de tráfico negreiro, presidentes passaram feriadões, de

Lula a Michel Temer”, informa a jornalista citada.

“Dizem que meu pai foi enterrado lá”, conta o escritor Marcelo Rubens Paiva, filho do deputado Rubens Paiva (1929-1941), morto pelos militares, aos 41 anos.

Alex Polari Alverga foi guerrilheiro da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Anna Virginia Ballossier relata que Polari – um dos militantes que participou do sequestro do embaixador alemão Ehrenfried Anton Theodor Ludwig von Holleben (1909-1988), em 11 de junho de 1970 (ação da ALN – Ação Libertadora Nacional – e VPR – Vanguarda Popular Revolucionária), foi torturado e, anos depois, viraria adepto do Santo Daime – narrou à estilista Zuzu Angel (1921-1976), como seu filho Stuart Angel (1946-1971) morreu nas mãos de agentes da ditadura, também em 1971 (conforme matéria já citada):

“Em um momento retiraram o capuz e pude vê-lo sendo espancado depois de ter descido do pau de arara”, informou Polari.

A verdade sobre o desaparecimento do corpo de Stuart Angel nunca foi esclarecida.

O presidente “é admirador de Carlos Brilhante Ustra (1932-2013), primeiro militar condenado pela Justiça brasileira por torturas perpetradas na ditadura militar”. ❖

O escritor e jornalista **Emanuel Medeiros Vieira** nasceu em Florianópolis e vive em Salvador (BA). É autor de dezenas de livros e detentor de prêmios literários. Em 2010, seu romance *Olhos Azuis - Ao Sul do Efêmero* (Thesaurus Editora/FAC, Brasília, 2009), recebeu o Prêmio Internacional de Literatura, outorgado pela União Brasileira de Escritores - UBE, sendo contemplado com o “Prêmio Lúcio Cardoso”, concedido para a melhor obra - segundo a entidade -, publicada no gênero, no Brasil, naquele ano.



Cinema

interativo

Uma das magias do cinema é dominar o espectador e conduzi-lo para onde o filme quer, sem direito à participação no desenvolvimento da estória. E vejam que nem sempre o desejo do espectador coincide com o desejo do filme. Não é raro se ouvir, ou ler, comentários de alguém sobre um filme que ama, fazendo restrições a certos caminhos narrativos que o filme tomou.

Acho que um exemplo clássico está em *Casablanca*. Quantos espectadores românticos não desaprovam o triste desenlace no aeroporto, com a separação do casal apaixonado. Mas a rigor há casos piores. Por que a pobre prostituta tem que sofrer mais um golpe em *Noites de Cabiria*? Por que se reserva a cadeira elétrica para o protagonista de *Um lugar ao sol*? Por que à esposa de *Desencanto* é negado o sonho romântico de um amor verdadeiro? E quando o filme começa com o protagonista já morto, o corpo boiando numa piscina, como em *Crepúsculo dos deuses*?

Talvez tenham sido – quem sabe? – estas e outras insatisfações dessa ordem que levaram o grupo criador da Série Black Mirror a conceber um

filme como *Bandersnatch* (David Slade, 2018). E o que há de especial nesse filme? Literalmente, a possibilidade de mudar o desenvolvimento do enredo e, portanto, ter um desenlace, se for o caso, mais ao gosto do espectador. Ou menos.

Explico: ao longo do filme foram adicionados “botões de mudança” – chamemo-los assim –, que podem ou não ser acionados pelo espectador. Se um botão desses é acionado, o enredo muda, tomando um caminho narrativo que não é o do filme a que se assiste. De modo que o espectador tem várias alternativas: a primeira seria ignorar os tais botões de mudança e assistir ao filme por inteiro. A segunda seria acionar os botões de mudança (um só, ou todos) e se divertir com as viradas no enredo, escolhendo, talvez, ficar com o desenlace de que mais gostou. Uma terceira alternativa seria fazer duas sessões, uma com as mudanças, e outra com o filme original inteiro, depois comparando os resultados.

Dou um exemplo. Vamos supor que, o enredo já andado, o personagem está posto diante de uma certa dificuldade que poderia ser resolvida com um telefonema, embora o contato com essa pessoa do outro lado da linha seja perigoso. Telefonar ou não? Na versão original o personagem faz a ligação telefônica, porém, se nesse ponto da narrativa, você acionar o botão de mudança, o personagem não fará a ligação e, conseqüentemente, o rumo da estória narrada vai ser outro, bem diverso do filme inteiro.

Trata-se de cinema interativo, não te- ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Em *Bandersnatch*, de David Slade (Série *Black Mirror*), ao espectador é dada a alternativa de mudar o enredo com um “botão de mudança”

imagens amadas

› nhamos dúvidas, provavelmente concebido para um público infanto-juvenil, afeito aos jogos eletrônicos, mas, o que me leva a escrever sobre o assunto são as suas implicações de natureza teórica.

Com efeito, assistindo a *Bandersnatch*, uma constatação óbvia é que os “pontos de mudança” na linha narrativa não se situam em qualquer parte da estória: eles estão postos em momentos críticos, como o acima descrito no nosso exemplo.

Em outras palavras, eles coincidem com o que, em linguagem cinematográfica, se chama de *turning points* (pontos de virada), aqueles instantes pontuais em que, em qualquer filme, o andamento do enredo sofre alguma espécie de mudança.

O *turning point* é antigo no cinema e já está em *O nascimento de uma nação* (Griffith, 1915), para não dizer que, de alguma forma, já está em *O regador regado* (1896) dos irmãos Lumière. Desde sempre os diretores brincam com ele, tirando efeitos que prendem o espectador, ao aumentar a temperatura dramática, ou, se for o caso, a curiosidade sobre o devir da narração.

Nas primeiras décadas, os *turning points* eram apenas dois num mesmo filme. As narrativas eram geralmente tripartites e eles serviam para separar uma parte da outra. Assim o primeiro *turning point* separava a exposição (parte inicial e descritiva do filme) da conflituação (parte mais longa e narrativa, onde os conflitos aparecem e se desenvolvem); já o segundo *turning point* separava a conflituação da resolução (como o nome sugere, o desenlace do filme).

Com o passar do tempo e da experiência, a estrutura narrativa do filme foi se tornando mais complexa e os *turning points* foram se multiplicando, ou ocupando lugar diverso do tradicional na linha narrativa.

Muito comum é que a prática do *turning point* esteja ligada ao jogo de fornecimento, ou sonegação, de informação diegética que



David Slade, diretor de *Bandersnatch* (2018), filme de ficção interativa da série *Black Mirror*, escrito por Charlie Brooker

o filme nos oferece. Para ilustrar, vamos tomar o exemplo de *Um corpo que cai* (Hitchcock, 1958).

O filme trata de um plano artiloso para matar uma esposa rica, pondo a culpa em outrem, no caso, em um detetive aposentado que sofria de acrofobia. O detetive Scottie (James Stewart) e a suposta vítima (Kim Novak se fazendo de Madeleine) não se conheciam e só se aproximam na falsa tentativa de suicídio dela na baía de São Francisco – este seria assim o primeiro *turning point* do filme. Até então, nem Scottie nem nós espectadores sabemos do plano criminoso. Vamos saber tempos depois quando (o crime já perpetrado na Torre do Convento de São João Batista) Scottie conhece essa moça, de nome Judy Barton, mais especificamente, no momento em que ela escreve aquela carta relatando tudo – carta que nós lemos, mas ele não – e a rasga. Este seria o segundo *turning point*. O terceiro vai ocorrer, mais tarde, num dia em que Judy Barton, agora transformada por Scottie em uma

nova Madeleine, usa o colar da mulher assassinada, e faz Scottie dar-se conta de que fora vítima de um plano criminoso. Agora, tanto Scottie quanto nós conhecemos a verdade. Um quarto *turning point* pode ser citado, na viagem final ao Convento – o local do crime – no momento em que Judy Barton dá-se conta de que Scottie ficara sabendo do plano. Só após tais mudanças no enredo – com o fornecimento de informação diegética crescendo de personagem a personagem, o espectador aí incluído –, só após tais mudanças podemos ter o triste desenlace de *Um corpo que cai*.

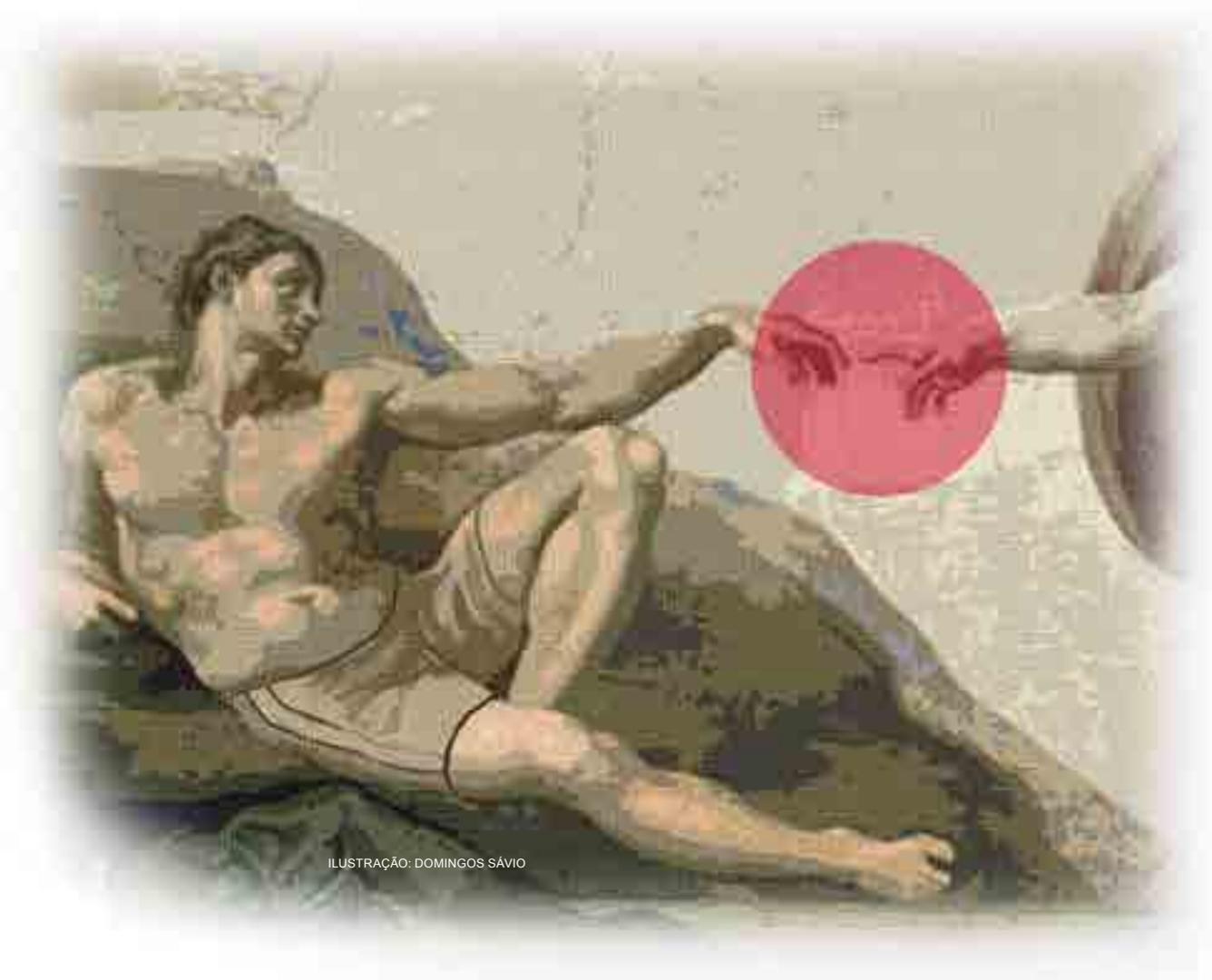
Se o filme de Hitchcock fosse submetido (Deus nos livre disso!) aos “botões de mudança” da série *Black Mirror*, estes citados – e não outros – seriam, com certeza, os pontos da narrativa escolhidos para iniciar novos desdobramentos da estória.

Enfim, voltando a *Bandersnatch*, mais que um mero jogo infanto-juvenil, o filme de David Slade pode ser encarado, favoravelmente, como uma proposta experimental que suscita a reflexão sobre o funcionamento da linguagem cinematográfica, por tabela nos fazendo tomar consciência do conceito de *turning point*, um procedimento narrativo tão importante na técnica de contar uma estória por imagens.

Mas, atenção, não deixemos de anotar: nesse tipo de cinema interativo, as opções, em número reduzido, já estão dadas pelo jogo, o que equivale a dizer que, de qualquer forma, o espectador não escolhe, ele próprio, a forma de o filme terminar. Escolhe, sim, entre as cinco ou seis, já dadas pelo jogo.

Enfim, por enquanto a participação do espectador no filme, digo, em qualquer filme, continua sendo emocional. E isto já é muito... ✶

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



A criação segundo Marcus

Marcus Antônio Gomes de Lima
Especial para o *Correio das Artes*

*Primeiro Deus criou o homem.
Depois teve uma idéia melhor.*

CAPÍTULO 1 – DEUS ESTAVA DE BOBEIRA.

Estava lá no céu o Senhor com a sua turma. Na verdade, cá pra nós, Deus estava de saco cheio com aquele monte de querubins, anjinhos de asas tortas, santos, ou seja, a turma toda.

Tudo muito bonitinho, todo mundo limpinho e cheiroso, cada um com cara mais angelical que outro, enfim, um marasmo só. O Cara já não aguentava mais toda aquela puxação de saco: quando Ele

se aproximava a galera toda se ajoelhava, se benzia, sabe aquela coisa bem carola? Isso. Para piorar as coisas começou a circular um boato que “Deus é fiel”. Cá pra nós, Deus estava cada vez mais invocado com aquele negócio d’Ele ser fiel, pois, se surgiu esse boato malicioso é porque antes deveria ter nascido um contra boato dizendo “Deus é infiel”, e isso Ele não podia admitir!

Como antes eu dizia, o Cara estava realmente no limite. Ele se perguntava, cadê a emoção? o surpreendente, a novidade, a alegria de viver?

E quando Ele ouvia a trilha sonora do céu, que mais parecia um disco de Enya que nunca tinha fim, mais angustiado ficava, pobre Ser Supremo.

Foi assim que um belo dia Deus falou bem alto pra quem quisesse ouvir:

– Vou botar pra quebrar! ▶

CAPÍTULO 2 – DEUS BOTA PRA QUEBRAR.

Convocou toda uma equipe, escolhida a dedo de conformidade com o programa de recrutamento de mão de obra local disponível no céu, e começou:

– Anjo-arquiteto, bole aí um negócio bem grande, cheio de coisas grandes e pequenas, muitas luzes, muitas cores, carnaval mesmo, vamos lá!

E o anjo-arquiteto sem nem mesmo saber por onde começar, gaguejou:

– Senhor... uma coisa bem grande, colorida... pode explicar melhor?

– Sei lá – respondeu o Cara - grandão, coloridão, sei lá... do tamanho de um universo, pronto!

E o anjo-arquiteto, coitado, que nunca havia enfrentado uma prancheta na vida, tava lá só no *far niente*, trabalhar que é bom, necas, ainda tentou entrar no espírito da coisa:

– Meu Senhor, esse negócio de universo... é lilás, ou tem um tom mais chegado no rosa choque com uns toques de azul cerúleo, ou...

– Olha aqui, anjo-arquiteto – bradou, impaciente, Deus – não ouse afrescalhar meu universo, veja lá, hein? Tô pagando caro e quero a coisa bem-feita!

E o nosso anjo-arquiteto saiu ligeirinho (coisa de rato) do recinto, batendo os pezinhos no chão, enfurecido, resmungando baixinho: “a gente só tem uma chance na eternidade de bolar um universo novinho em folha e o Deus-cliente é justamente um Deus-machão, que droga!

O Senhor, já bastante animado com a sua divina ideia, falou então pro resto da plateia – anjos-carpinteiros, pedreiros, engenheiros, peões, toda a turma (havia, inclusive, um anjo-assistente social, mas o cara era olhado meio assim, não sabe? pelos outros):

– Seguinte, turma: já estou meio preocupado com a encomenda que fiz pro anjo-arquiteto, mas, pra me garantir, nós

vamos fazer um mundinho em particular sem a ajuda do nosso querido irmão. Preciso de ideias, quero que seja um mundo muito especial, e aí?

Começaram as ideias:

– Tem que ter bicho que voa.

– Tem que ter bicho que anda.

– Tem que ter bicho que salta.

– Chega! – interrompeu o Senhor - chega de bichos! Que mais?

– Tem que ter computador.

– E internet.

– Tem que ter coador melitta.

– Tem que ter guaraná.

– Tem que ter lança perfume.

– Vão proibir – disse Deus - mas tudo bem. Vamos em frente. Mais!

– Tem que ter futebol, santa cruz. E série D.

– Tem que ter rock e bossa nova. E chico buarque e frank sinatra e tom jobim. Só não precisa ter dupla sertaneja, não.

– Mas do que você está falando, meu bom anjo? – interrompeu o Senhor. - Que história é essa de chico sinatra, tom frank e rock sertanejo? indagou o Senhor que, de música, só ouvia aquela coisa melosa que Enya cantava o dia inteiro no céu.

– Saber, saber mesmo o que é, meu Senhor, eu não sei. Fui mais no embalo tem que ter isso, tem que ter aquilo... aí saiu esse negócio.

– Bom... prossigamos. – Falou o Mestre olhando meio desconfiado pro anjo-chutador.

– Tem que ter carnaval. – Continuou outro anjo.

(Pronto, começou a sacanagem, pensou o Senhor, mas nada comentou, para não constranger sua equipe. Depois Ele faria uma cuidadosa triagem das sugestões.)

– Tem que ter controle remoto. (Esse foi aplaudido de pé por um monte de anjos barbigudinhos. Aliás, foi a única vez que aquele grupo se levantou em toda a eternidade.)

– Tem que ter minissaia.

(Aplausos generalizados.)

– Tem que ter olhos bonitos, boca bonita, voz bonita, bunda gostosa.

(Silêncio generalizado.)

Calmamente Deus falou pro santo que, agora, visivelmente se encolhia na sua cadeira:

– São Marcus – disse o Senhor - você sabe realmente do que está falando?

São Marcus se encolheu mais um pouquinho na cadeira. Calado.

– Vamos, meu filho querido, explique-se. – Continuou o Senhor.

São Marcus conseguiu se encolher mais um pouquinho na cadeira. Mudo.

– Não tenha medo, meu filho. Você sabe que Eu sou só perdão e amor... até mesmo com os meus filhos mais idiotas, não tenha medo, filho. – E arregalou aqueles olhos divinos e terríveis em cima do pobre São Marcus.

São Marcus se encolheu mais um pouquinho na cadeira... e sumiu.

– Bom, -repetiu o Senhor - vamos em frente.

– Tem que ter sonho de valsa.

– E feijoada.

– E ky.

– Tem que ter ar condicionado.

– Tem que ter dvd.

– E blu ray.

– Tem que ter The L Word.

– E Lost.

– Tem que ter jabuticaba, cajá e água de coco.

– Peraí! - bradou o Criador - que negócio é esse de ky???

Todo mundo fez cara de que não era com ele a questão – um assoviou baixinho, outro palitou os dentes, um terceiro assoviou o nariz, e foi por aí.

– Sei, sei, tomem cuidado seus espertinhos!!! – disse o Manda-Chuva – prossigam... com cuidado!

A partir de então as ideias e sugestões sucederam-se tranquilamente, aquele negócio de arco-íris, chuva fininha, pastos verdejantes, cachoeiras e tantos mais, até o Senhor ficar satisfeito.



► CAPÍTULO 3 – ESTÁ FALTANDO ALGUMA COISA, NÉ DEUS?

É, exatamente, tá faltando alguma coisa, pensou o Senhor. E pôs-se a matutar sobre o assunto.

Tem colibri e jacaré; tem protetor solar e borboleta; tem jacarandá, bicho-da-seda e rede na varanda; tem até sputinik e terremoto e vulcão e brisa nordestina; tem sapato novo que faz calo e tem elevador enguiçado no 12º andar; tem pão francês e bolo de rolo; tem peteca, bola de gude e smartfone; tem ciranda, maracatu e bumba-meu-boi; tem band-aid e piercing. Tem... tá faltando... tá faltando alguma coisa...

Passou-se uma eternidade enquanto o Senhor elocubrava sobre o que estava faltando no seu mundinho maravilhoso. Some-se a isso o fato do anjo-arquiteto não ter apresentado o seu projeto no prazo estipulado, ou seja, o projeto não foi discutido nem aprovado na exigente comunidade angelical.

Passou-se então mais uma eternidade.

Até que, enfim,

CAPÍTULO 4 – FINALMENTE!

Bastou apenas o curto espaço/tempo de duas eternidades para Deus, em Sua infinita sabedoria, criar o homem. E foi bem assim: pegou o seu mundinho de estimação, botou o homem lá dentro e descansou, finalmente.

Durante algum tempo tudo foi maravilhoso, bonito, irretocável.

Mas – sempre tem um mas em todas as criações - num belo dia de verão o homem solicita uma reunião com o Criador e o Criador, com a infinita alegria que só Ele é capaz de propiciar, recebe a Sua criação.

Diz o homem: - Tô só.

Deus: Só, como?

Homem: Só. Sozinho. Sem companhia. Sem ninguém. Só.

Deus: Que negócio é esse? E os dinossauros? E os pardais? E as cobras, besouros, borboletas?

Homem: Tô só. Falta mulher. Não posso viver só de punheta.

Deus: Mais respeito, moleque!

Homem: Perdão.

Deus: Tá perdoado.

Homem: Tô só.

Deus: Que negócio é esse de mulher?

Homem: Boca bonita, voz deliciosa, beijo, mãos dadas, sentir saudade, arrepio quando menos se espera, vontade incontrolável de abraçar, saber o que a mulher está fazendo, sorrir e fazer ela gargalhar, sussurro no ouvido, deixar ela falar bem muito e ouvir o que ela está falando, piscar de olhos ou de olhos bem abertos ver, sentir, o cheiro e o gosto, o suor escorrendo, a água do mar banhando e, depois, a alegria calma do gozo.

Deus: Mulher?

Homem: Mulher.

Deus: Mas, depois dos erros que cometi na *sua* criação, essa nova criatura tem que ser orgulhosa, confiante e perfeitamente apta a conquistar o seu espaço independente do seu ou de qualquer outro animal que criei. Não posso criar outro ser bobalhão, embora razoavelmente satisfatório, como você, homem.

O homem pensa um pouco, e, embora sinta uma dorzinha lá no fundo com aquela divina crítica, sugere, enfim:

– O Senhor fala pra ela:

Primeiro eu criei o homem;

Depois tive uma ideia melhor: você. ❖

Marcus Antônio Gomes de Lima, 66 anos, nasceu em Campina Grande (PB) e mora em Recife (PE). Formado em Engenharia pela Universidade Federal de Pernambuco (PE), considera-se "engenheiro por opção, arrependido por convicção". A engenharia o fez rodar praticamente o Brasil inteiro. "De Rondônia a São Paulo esse Brasil rodou em mim, e isso foi bom", diz ele. É também apaixonado por livros, música "e uma feijoadinha no capricho, no chamaril do Daniel".



2 Anos

Uma história cantada pela boa música.

Décadas e décadas depois de seu início, mantém a mesma energia de ser o palco dos nossos encontros com os grandes nomes da música brasileira.

Paraibana na essência, revelou e elevou as vozes e mentes privilegiadas de nossa terra, capazes de encantar através da poesia, acorde, verso, rima, batida ou melodia, à condição de nossas genuínas estrelas.

Na sintonia de sua frequência, sempre a certeza de ouvirmos a música que nos toca.

Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniada

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**